

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Saulo Neves de Oliveira

**LAZER SÉRIO E ENVELHECIMENTO:
loucos por corrida**

Porto Alegre
2010

Saulo Neves de Oliveira

**LAZER SÉRIO E ENVELHECIMENTO:
loucos por corrida**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientador:
Prof. Dr. Johannes Doll

Linha de Pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação

Porto Alegre
2010

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

O48l Oliveira, Saulo Neves de

Lazer sério e envelhecimento: loucos por corrida / Saulo Neves de Oliveira; orientador: Johannes Doll. Porto Alegre, 2010.

101 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010, Porto Alegre, BR-RS.

1. Envelhecimento. 2. Estilo. 3. Lazer sério. 4. Corrida de rua. 5. Stebbins, Robert A. 6. Levy, Pierre. I. Doll, Johannes. II. Título.

CDU – 159.922.63

Saulo Neves de Oliveira

**LAZER SÉRIO E ENVELHECIMENTO:
loucos por corrida**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Aprovado em 15 de março de 2010.

Prof. Dr. Johannes Doll – Orientador

Profa. Dra. Carmen Lucia Bezerra Machado – UFRGS

Prof. Dr. Marco Paulo Stigger – UFRGS

Profa. Dra. Andréa Lopes – USP

Profa. Dra. Suzanna Hübner Wolff – UNISINOS

DEDICO...

Aos meus pais, Valmir Andrade de Oliveira e Alda Maria Neves de Oliveira, que me ensinaram desde menino e me orientaram no caminho.

Aos meus irmãos, Carine, Alexandre, Liziane e Nataly, que me alegram e refletem um amor imensurável.

À minha tia, Vânia Lúcia Andrade de Oliveira, por ter acompanhado minha educação com dedicação e zelo incomparáveis.

Ao meu tio, Waldir Andrade de Oliveira, por seu exemplo de seriedade e compromisso com suas práticas cotidianas.

À minha querida vó, Lourdes Andrade de Oliveira, pelo amor, orações, palavras e práticas verdadeiras.

À minha professora, Rosane Jobim Ilha, que me fez acreditar em mudanças a partir de práticas coletivas, me ensinando a ler o mundo.

AGRADEÇO...

À minha mãe, Alda Maria Neves de Oliveira, pelo amor que me disponibilizou ao longo da minha vida até aqui.

Ao meu pai, Valmir Andrade de Oliveira, por me incentivar a buscar “a verdade” em tempos de lutas.

Aos meus irmãos, Carine, Xandy, Lizi e Naty que me ensinam na prática o que significa relacionamento.

À minha vó, Lourdes Andrade de Oliveira, pelas palavras de sabedoria com que me confortou desde a infância diante das difíceis condições de vida impostas a homens e mulheres como os de nossa família.

À minha tia, Vânia Lúcia Andrade de Oliveira, por alimentar a esperança de dias melhores com leituras de singeleza infantil.

Ao meu querido amigo e companheiro, Marion Cunha Machado, que em “passos de amizade”, lembrou-me os sentidos da amizade, do *anima* e da pesquisa acadêmica.

Aos meus amigos, professores e alunos da Earte, Alexandre, Mainé, Karine e Gustavo, Luiz André, Magáli, Daniel e Gabi, Fábio e Daiane, Carlos, Lina, Tutu, Josué, André e Lucas, Thiago, Kiss, Jerônimo, Mari e Marcelo Alegria que, em gestos simples, me mostram cada dia a arte e a música de formas diferentes.

À professora Carmem Bezerra Machado, pelos diálogos atentos sobre questões que extrapolavam o contexto acadêmico e o exemplo de humanidade com a qual me acolheu e ensinou durante os momentos que compartilhamos na FACEd.

Aos amigos da SOGIPA: Milton Quintana, Luiz, Fabiano Ávila “Pudim”, Dalvane, Ruan, Luiz Fernando, Daniel, Ioran e Lucas “Das Tamanca”, sobreviventes que me motivam a lutar pela existência humana.

Ao amigo Léo Ribas, por sua humanidade na luta por condições melhores para os sujeitos-atletas no atletismo e por alterar minha trajetória de vida.

Aos meus colegas de orientação: Michelle, Denise Ceroni e Denise Buratto, Carol, Patrícia e Anne, que com seus questionamentos me ajudaram e apoiaram no desenvolvimento do trabalho.

Aos meus colegas e amigos da FACEd: Júlio, Mari, Déia, Fernanda, Claudete, Gregório, Elen, Grazzi, Paola, Paloma, pelas longas conversas e discussões em lazes casuais.

Ao meu querido orientador e professor, Johannes Doll, que além de aceitar o desafio de orientar, me fez compreender a importância da tolerância como princípio da prática docente dentre muitos outros ensinamentos. Para mim, um exemplo raro.

O homem sentado ao meu lado era um corredor que acabava de completar sua primeira maratona.
“O que eu vou fazer agora?”, perguntou-me ele, ecoando o pensamento que lhe cruzava a mente.
Sua resposta seria a minha resposta.
O que eu vou fazer agora?
A mesma coisa, só que um pouco mais profundamente.
Se correr de novo, poderei aprender um pouquinho mais sobre mim mesmo, o mundo e Quem me criou.
Posso correr de novo e mais outra vez.
Posso me banhar na dor e no cansaço.
Posso conseguir acesso à energia que ainda disponho.
Posso correr de novo, e mais outra vez, construindo minha própria verdade a partir dessa experiência, a partir do que acontece.
O que vou fazer agora?
Não importa o que já tenha feito, ainda há muito a fazer.
Não importa quão bem tenha sido feito, ainda pode ser feito melhor.
Não importa quão rápido tenha corrido, ainda posso ser mais veloz.
Tudo precisa se orientar nesse sentido, no sentido da perfeição.
As coisas que escrevi, as provas que participei, cada dia da minha vida.
Não há outro jeito. (SHEEHAN, 1996, p. 232).

RESUMO

Este estudo volta-se para a temática do lazer e envelhecimento, tendo como foco os corredores de rua. Entre os diferentes níveis de empenho, em que o esporte pode ser praticado, este estudo trabalha com o grupo de praticantes de corrida de rua, que dedicam bastante tempo e esforço de forma sistemática nesta atividade. Foi eleito um grupo de corredores dentre uma numerosa lista de grupos de corrida de rua que se formaram nos últimos anos na cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul. Observações, conversas, fotos, troca de e-mails e outros dados foram coletados na intenção de buscar variadas perspectivas sobre os fenômenos observados. Com uma abordagem de caráter etnográfico, busca-se identificar, analisar e interpretar manifestações que indicam relações entre a prática da corrida de rua e o envelhecimento dos corredores. Essas práticas são entendidas como “lazer sério”, conceito proposto pelo sociólogo Robert Stebbins. Evidenciam-se no trabalho as formas com que são dinamizados aspectos do envelhecimento dentro de um grupo de corrida e suas relações com um contexto mais amplo. Essas manifestações são entendidas como “realizações”, e os processos dinâmicos, entendidos como “atualizações”, baseado no trabalho do filósofo Pierre Lévy. Formas de enfrentamento de adversidades, comunicação, dentre outras “realizações” apontaram para movimentos ambivalentes e interdependentes presentes no “lazer sério”. Estes orientam para novas possibilidades de envelhecimento, novos estilos de envelhecer. As principais “realizações” se manifestaram nas categorias de ironia, loucura, vírus, transgressão e volta, sintetizando formas com que os corredores lidam com a corrida e suas relações com a velhice e o envelhecimento. Dentro de uma tridimensionalidade composta pelas interações dos corredores dentro do grupo, com a sociedade e consigo mesmos, essas “realizações” revelam configurações criativas e inovadoras de aprender, ensinar e alterar a velhice e o envelhecimento a partir de estilos de envelhecer que surgem na prática do “lazer sério”.

Palavras-chave: **Envelhecimento. Estilo. Lazer sério. Corrida de Rua. Stebbins, Robert A. Levy, Pierre.**

ABSTRACT

This study turns to the theme of leisure and aging, focusing on the street racers. Between different levels of commitment, in which sport can be practiced, this study works with a group of runners, who devote considerable time and effort in a systematic way in this activity. He was elected a group of runners among a large list of running groups that have formed in recent years in Porto Alegre, capital of Rio Grande do Sul. Observations, conversations, photos, exchange e-mails and other data were collected on the intention to seek different perspectives on the phenomena observed. With an ethnographic approach, we seek to identify, analyze and interpret events that indicate relationships between the practice of road race and the aging of the runners. These practices are regarded as “serious leisure”, a concept proposed by the sociologist Robert Stebbins. Show up at work the ways in which aspects of aging within a runners group is related with a broader context. These manifestations are understood as “realizations”, and the dynamic processes, understood as “actualization” based on the work of the philosopher Pierre Lévy. Ways of coping with adversity, communication, among other “realizations” pointed to these movements ambivalent and interdependent at “serious leisure”. These guide for new possibilities of aging, new aging styles. The main “realizations” were manifested in the categories of irony, insanity, viruses, transgression and back, recapitulating the ways in which the runners deal with old age and aging. Within a three-dimensional composite by interactions within the group of runners, with society and themselves, these “realizations” show settings creative and innovative learning, teaching and changing old age and aging from aging styles that arise in the practice of “serious leisure”. .

Keywords: Aging Style. Serious Leisure. Race. Stebbins, Robert A. Levy, Pierre.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
2 CORRIDA	19
3 O IMPORTANTE É GANHAR	33
4 LINHA DE CHEGADA	38
5 A IRONIA: BRINCANDO COM A SERIEDADE DOS RISCOS	48
6 LOUCOS POR CORRIDA	56
7 O VÍRUS	62
8 CORRENDO E APRENDENDO: TRANSGREDINDO OS LIMITES	68
9 “SANGRANDO”: SOFRENDO COM OS QUE ESTÃO BEM	76
10 MANTENDO-SE NA CORRIDA: NO FIO DAS MUDANÇAS SIMBÓLICAS E “VOLTANDO”	79
CHEGADA: APRENDENDO COM AS REALIZAÇÕES	85
REFERÊNCIAS	91
APÊNDICES E ANEXOS	95..

1 INTRODUÇÃO

O ato de correr ou mesmo participar de uma competição de corrida pode revelar-se em uma experiência única e inexplicável, especialmente quando assume sentidos importantes para a vida de cada indivíduo. Dessa forma, pode se tornar uma aventura fantástica, mesmo sendo extremamente exigente e muitas vezes cruel com os aventureiros mais novos e inexperientes. Mas antes de tudo, é preciso um preparo específico, como no caso da corrida, escolher um tênis e todo o material apropriado para a distância que será percorrida, observando aspectos imprescindíveis. Quem já participou de uma, por menor que tenha sido sua pretensão, há de concordar que durante o percurso esteve sujeito a conflitos, tragédias, sentimentos e sensações que, muitas vezes, “fugiram” do controle, mesmo tendo observado muitos detalhes em sua preparação.

Durante a prova, sentimentos ambivalentes de grande euforia ou lamentação, que se unem às lembranças do corredor sobre as sensações e desafios experimentados em outras corridas, o enfrentamento corporal dos próprios limites que imprimem dor e sofrimento. Em uma transformação quase inexplicável, tudo isso é “materializado”, objetivado pelo tempo medido e expresso pelo cronômetro do relógio.

Ao final da prova, o tempo marcado e a medalha recebida, mesmo que apenas pela participação, carregam acima de tudo o peso do enfrentamento e representam a superação ou não de um desafio. Para uns, o ato “heróico” de completar uma prova correndo durante todo o percurso. Para outros, a impotência de superar uma marca anterior vista como fracasso momentâneo entre seus pares.

Observando os corredores ao final da prova, nas conversas exaltadas, não faltam (des)contos, (des)encantos, falas sobre momentos vividos durante a corrida que, pela identificação existente e expressa entre eles, são, em diversos momentos, repetidas e reinventadas a todo instante. Nas conversas empolgadas e

empolgantes: sorrisos, choros e lamentações que exaltam entre eles a coragem, a resistência e a força empenhadas na competição. Qualidades sempre presentes, que fazem parte desse universo versátil e único, rico em processos educacionais que vão se desenvolvendo em função da prática do esporte.

Para o pesquisador, tentar se aproximar dos significados dessa experiência e suas relações com outros aspectos da vida cotidiana parece se comparar às tentativas de alcançar uma “marca” no contexto esportivo. Dificuldades surgem em diferentes momentos.

Ao partir para a investigação nesse campo repleto de símbolos, senti-me altamente motivado, preparando-me com as leituras sugeridas pelos professores do Programa de Pós-graduação e tentando refletir sobre a prática de corrida, o envelhecimento e a educação. Durante essa trajetória, passei por um período no qual tive a impressão de que não encontraria nada diferente do que pretensiosamente apreendi nas leituras realizadas, nas experiências e observações de campo.

Nesse tempo, cheguei a lamentar a escolha do tema e faltou-me o “ânimo” para continuar. Acreditei que não havia nada mais de interessante na proposta de trabalho. Era como participar de uma corrida na qual já se sabe quem será o “campeão”, ou mesmo “correr sem adversários”.

Nas conversas com os corredores e treinadores, dos quais tenho contato, começaram a surgir aspectos que na literatura não eram evidentes para mim e acabaram se tornando elementos-chave no processo da pesquisa. Recobrei o “ânimo” e foi renovada a vontade de descobrir algo novo e de escrever sobre comportamentos que tem estado presentes no meu cotidiano por um tempo razoável. Surpreendido várias vezes, percebi que estava posto o desafio de utilizar as habilidades de pesquisa desenvolvidas até o momento: foram situações surgidas inesperadamente. Como um corredor a instantes da largada, no meio de um “temporal” de sentimentos e sensações ambivalentes, era hora de encarar novamente a pesquisa.

Chego ao momento final de uma corrida. Hora de conversar sobre o aconteceu no percurso, as sensações e descobertas, as aprendizagens. Nessa conversa, conto, (re)invento e (re)construo momentos desafiadores que enfrentei na investigação. Como em qualquer prova, houve (des)encantos muito necessários que passaram a incentivar essa tarefa árdua. O cronômetro pára. Ao olhar para trás, o

corredor sabe o quanto se empenhou por seus objetivos e avalia as possibilidades de um novo investimento. Não há mais nada a fazer.

O presente trabalho originou-se principalmente das indagações que me acompanharam e acompanham desde a época em que iniciei no esporte, mais especificamente no atletismo como corredor das provas de meio-fundo¹ e de obstáculos. Antes de começar a correr e tornar-me atleta, praticava com dificuldades o futebol dentro da escola. A falta de um desenvolvimento motor adequado, desigualdade de maturação física entre os participantes e principalmente as ações pedagógicas envolvendo esses elementos reforçavam essas dificuldades. Ao final do período escolar do ensino fundamental, decidi tentar a corrida.

Foi aos 17 anos, pouco antes de cumprir o serviço militar obrigatório e entrar para Faculdade de Educação Física, que passei a integrar a equipe de atletismo da Sociedade Ginástica Porto Alegre (SOGIPA), clube que represento em competições até os dias de hoje em provas de fundo e meio-fundo. Durante esses anos, muitos questionamentos começavam a surgir, principalmente em torno da minha prática do esporte. A maior parte das questões se relacionava à manutenção das condições necessárias para minha continuação no esporte – necessidade de ter uma fonte de renda para garantir o material necessário e o deslocamento até o clube.

Mas uma inquietação constante me acompanhou durante o tempo em que o atletismo era “levado mais a sério”. Precisava justificar minha forma de praticar e me conceber no atletismo, ou seja, de minha inserção no contexto do esporte diante de minha dimensão de trabalhador. Necessitava compreender essa forma de levar o esporte, correndo em dias de chuva, sem receber salário ou ajuda de custo, empenhando-me ao máximo como se aquele fosse um emprego que tomava lugar central na minha vida. Por conseqüência, todas as outras atividades, inclusive de trabalho, eram organizadas a partir do tempo que sobrava das atividades envolvidas no atletismo. Como solução mais viável para me manter no esporte dessa forma “séria”, trabalhava durante meio turno, sempre pensando que minha ocupação não poderia comprometer as atividades principais do esporte.

Até o final de minha graduação tentei levar dessa forma o esporte, adequando na medida do possível as *outras* atividades à prática do atletismo. Nessa época, além de me questionar durante a graduação sobre essa forma de levar o esporte,

¹ Provas de corrida em pista que variam entre distâncias de 800m e 1.500m.

também fui bastante questionado por diferentes pessoas. Participar de uma atividade, na qual muitas vezes se confundem categorias como, por exemplo, as de *lazer* e de *trabalho*, os de *profissionais* e o de *amadores*, me indicava algo que não era claro e me motivava a buscar alguma explicação. Essa foi a primeira razão motivadora para a compreensão das relações entre a prática de esporte que assume esse lugar de importância com outras dimensões da vida dos sujeitos envolvidos.

Mais tarde descobri que um amigo e colega do atletismo, que também levava “à sério” o esporte, formulava questões semelhantes às minhas. Foi durante a pesquisa que tive contato com sua dissertação de mestrado, que tratava justamente do profissionalismo e do amadorismo a partir do atletismo, focado nas configurações esportivas².

De certa forma, pode-se dizer que foram as curiosidades sobre minhas práticas decorrentes do envolvimento com a corrida que motivaram a pesquisar. Principalmente sobre resoluções de questões que envolvem aprendizados marcantes ao longo da vida a partir do *lazer* e *envelhecimento*. Ao investigar, ampliou-se o entendimento de que olhar para essas questões, que em princípio pareciam tão pessoais, poderia ser benéfico para outras pessoas envolvidas no esporte levado “à sério” também. Dentre estes benefícios, a exploração de formas inovadoras de aprender e ensinar, e explicitação e valorização do *lazer* como uma das dimensões de vida humana e, portanto, altamente significativa.

Embora a motivação nos primeiros passos tenha sido pessoal, descobri durante os estudos iniciais duas razões que me motivaram a seguir e investigar. A primeira se refere à dimensão social em que poderia estar envolvido o trabalho, trazendo à luz novos espaços sociais de criação, onde sujeitos pudessem se desenvolver. Esse motivo me levou a focar sobre a dimensão significativa que as atividades podem ter e o quanto isso pode contribuir para melhorar as condições de vida dos sujeitos envolvidos. No caso específico, aqueles que envelhecem e se aproximam da velhice promovendo novos modelos de velhice e envelhecimento na sociedade.

A segunda razão se encontra na dimensão acadêmica. Pouco encontrei sobre essas manifestações, especialmente a respeito de dados etnográficos das culturas de corredores. Além disso, essa razão se relaciona com a primeira no momento em

² Ver trabalho de Carlos F. Miranda (2007).

que articulando o envelhecimento e a prática da corrida, vinculando-os à educação, poderia trazer alguma contribuição no sentido de promover o sujeito envelhecendo.

Na busca por compreender a *seriedade* e o *zelo* presentes no cotidiano dos corredores com que eu tinha contato e que levavam “à sério” a corrida e as atividades envolvidas em sua prática, o conceito de *lazer sério*, proposto por Robert Stebbins (2008a) foi utilizado. Minhas primeiras leituras sobre o conceito foram feitas ainda na minha graduação. Entendi durante o mestrado que deveria aprofundar os estudos sobre o *lazer sério* para desenvolver a pesquisa com os corredores. Aos poucos, a aproximação da prática de corrida com os estudos do envelhecimento passaram a fazer sentido. A reflexão sobre o envelhecimento humano e a educação no contexto das corridas provocou um questionamento inicial: que relação há entre o lazer sério de corredores e seu envelhecimento? Mas ainda não era a pergunta mais adequada para a aproximação desejada.

Meu olhar então se voltou para as percepções dos corredores do grupo de corrida sobre seu envelhecimento e seus comportamentos nas relações com outros participantes envolvidos. Formas como lidam com o envelhecimento e algumas razões para isso foram percebidas olhando para as atividades que desenvolvem no esporte eleito.

No processo de investigação, a superação de adversidades, presente desde o início do trabalho e considerada intuitivamente como nuclear, foi apresentada na forma de *resiliência psicológica* no primeiro projeto de pesquisa. Ao longo do período de investigação, essa superação de adversidades foi sofrendo ajustes e conectada à busca de corredores por uma transgressão de limites. A transgressão de limites é entendida no trabalho como ato de desrespeito aos limites percebidos. Esses limites são estabelecidos cultural e socialmente em dimensões objetivas e subjetivas, mediadas pelo corpo, tanto no campo real quanto no campo simbólico (LE BRETON, 2004).

Esse fenômeno de transgressão que no campo de pesquisa era percebido e explicado pelos corredores como *vírus* foi posto em cheque. As expressões mais evidentes relacionadas ao tal *vírus* estavam sempre vinculadas ao elemento *loucura*. Essa se tornou uma das razões do título dado ao trabalho. Dentro do contexto esportivo, tais relações evidentes entre o simbólico e o real apontavam para um *modo de vida* baseado em fatores que instigam uma maior curiosidade como: relações inter-geracionais, principalmente quando olhamos para o fenômeno da

juventude como modelo atual de comportamento; relações de educação e trabalho, na presença de valores, atitudes e expectativas advindas do mundo do trabalho, que são reforçados, desenvolvidos e atualizados³ a partir da prática da corrida “à sério”; e, as relações internas do próprio grupo pesquisado e as interações com outros grupos existentes.

Para a análise, os estudos de dois autores foram utilizados fundamentalmente e um terceiro de forma complementar. Os primeiros estudos utilizados foram do proponente do *lazer sério*, Robert A. Stebbins. Sua pesquisa iniciou com alpinistas que se negavam a conceber sua prática de escalada como um lazer. Os sujeitos que participaram das pesquisas de Stebbins diziam que essa atividade era *séria* e, por isso, não poderia ser considerada lazer. Estranhando o fato, Stebbins começa a investigar esses significados em diversas práticas de esporte. Ao longo dos anos vai desenvolvendo a sua teoria e chega à chamada *Perspectiva do Lazer Sério*. Na perspectiva ele enquadró três tipos de lazer que identificou: o lazer casual, o lazer baseado em projeto, e, o lazer sério. O conceito foi entendido como o que mais se aproximou dos fenômenos investigados.

Os estudos apresentados pelo filósofo Pierre Lévy (1996) serviram no esclarecimento dos conceitos de *atualização* e *realização*, utilizados para referência aos processos dinâmicos nos quais estão inseridos uma série de valores, símbolos e realizações, e o sujeito corredor de rua pode ser pensado em seu envelhecimento. Entendendo a *atualização* como resposta criativa a um *complexo problemático* do fenômeno em questão, as qualidades do *lazer sério* foram consideradas constituintes desse complexo em questão. A *perseverança* ou *risco*, a *carreira*, o *esforço* ou *aquisição de habilidades*, a *identificação*, o *ethos único* ou *mundo social*, e os *bens duráveis* ou *premiações* serviram como balizas nas análises.

Outro autor utilizado foi David Le Breton. Seus estudos (LE BRETON, 2008, 2009a, 2009b) envolvendo as representações do corpo e suas relações sociais, bem como as análises sobre a ocupação do tempo em atividades de risco que apontam para a busca de homens e mulheres por um sentido de viver e suas análises sobre as emoções serviram para complementar as aproximações. As concepções de risco e de prática de uma atividade como forma de buscar uma sintonia com o mundo, se situando através dos limites do próprio corpo que são muitas vezes transgredidos

³ Atualização no sentido proposto por Lévy (1996).

real e simbolicamente, são também utilizadas no desenvolvimento do trabalho e dão o norte para algumas idéias apresentadas.

Aproveitando das conceituações desses autores, busquei identificar, analisar e interpretar a questão do envelhecimento dos corredores nesta complexa problemática do lazer sério. *Estilo de envelhecer* foi o termo empregado como identificador de um conjunto de manifestações de vida observadas no campo de investigação avaliadas como de íntima ligação com o envelhecimento dos corredores. Esse *estilo* surgiu da necessidade de delimitar a amplitude do conceito de *modo de vida*.

Na busca por pistas que me indicassem aproximações do fenômeno de investigação, registrei em vídeo e áudio alguns episódios de conversas e atividades dos corredores envolvidos. Utilizei-me também de entrevistas com corredores durante o ano de 2009. A análise foi construída com base nas conversas e observações de campo e dos demais registros feitos em quatro espaços de interação: o de *treinamento*, considerando desde a chegada dos corredores para o treino até a saída; o de *competição*, com os corredores nas competições de corridas de rua realizadas em Porto Alegre; o de *encontros do grupo*, nas reuniões e encontros que o grupo organiza que tem objetivos diversos (organização para competição, aniversários de integrantes, etc.); e o de *troca de e-mails*, considerando as informações a partir do uso de e-mails pelos participantes.

Além dos dados obtidos no campo específico de pesquisa, utilizei-me de dados de minha experiência como corredor que foram confirmados por registros oferecidos pelas instituições envolvidas com a corrida, especialmente pelo Clube dos Corredores de Porto Alegre (CORPA). Foram incluídos dados sobre o envelhecimento e a prática de corrida, além do número de seus participantes na cidade de Porto Alegre complementando a investigação.

No estudo foram focadas as dinâmicas entre a prática do *lazer sério* e o *envelhecimento* dos corredores de rua. Com a análise dos dados e principalmente nas conversas dos corredores do grupo percebe-se que a temática do envelhecimento está bem presente entre os corredores de rua na faixa de 40 a 60 anos, tendo este grupo formas particulares de lidar com a questão. Lidando com a contradição entre alto empenho e os diversos limites, típicos desta faixa etária, este grupo constrói um *estilo de envelhecer* próprio.

A dissertação está organizada em capítulos cujos títulos fazem menção à elementos do *ethos* dos corredores participantes da investigação. No primeiro capítulo, “1. A Corrida”, apresento uma contextualização desse *ethos*, os sentidos e significados das corridas de rua em tempos remotos e na contemporaneidade, expondo dados e aspectos que considere importantes para facilitar o entendimento das reflexões que seguem no próximos capítulos. Os dois capítulos seguintes contém as bases teóricas do estudo, bem como a metodologia adotada para a investigação.

No capítulo “2. O Importante é Ganhar” parto da provocação de que os corredores investigados não buscam apenas a participação nas corridas de rua. Nele apresento brevemente o conceito de “lazer sério” utilizado, conceito que vai sendo discutido em suas características ao longo dos outros capítulos. Ainda teórico, o capítulo “3. Linha de chegada” está proposto para auxiliar no entendimento da perspectiva de “realização” e “atualização” utilizada, além de trazer os dados sobre a metodologia e a caracterização do grupo. Embora o padrão acadêmico sugira a antecipação desse dado no trabalho, entendi que fazia mais sentido a organização dada em função da organização geral do trabalho, diferente de propostas mais tradicionais.

Do capítulo 4 até o capítulo 11, apresento os resultados da pesquisa, são os capítulos que compõem o corpo da etnografia. Os títulos além de fazer menção a elementos presentes no cotidiano dos corredores participantes do estudo se referem às categorias de análise desenvolvidas na investigação. No último capítulo “Chegada: aprendendo com as realizações”, faço minhas considerações que, embora provisórias, me levaram a conclusões interessantes. Ao final do trabalho encontram-se os apêndices e anexos, onde é possível acessar os dados de materiais elaborados e coletados durante a investigação.

2 CORRIDA

O ato de correr está instalado em uma grande teia de significados (GEERTZ, 1989) que pode ser observado na atualidade e nos diferentes momentos da existência humana conhecida (FIXX, 1977). Registros dessa ação e referências de toda espécie encontrados nos mais antigos e variados materiais arqueológicos, sugerem a presença da corrida em civilizações primitivas tanto como necessidade como por expressão. Nos livros que compõe a Bíblia Cristã, por exemplo, há indicação de uma ampla diversidade de funções do ato de correr: na utilidade para sobrevivência, servindo para auxiliar em deslocamentos que exigiam uma exploração e reconhecimento antes da ocupação por “tribos”; como meio de comunicação, na troca de mensagens, em função das grandes distâncias que urgiam de um corredor comunicar pessoas, “reis adversários”⁴ ou algum grupo considerado “de superioridade social”; como simples deslocamento ou acompanhando pessoas em veículos de tração animal. Em escritos bíblicos mais recentes, a corrida como competição esportiva é apresentada em analogias propostas como explicações dos escritores⁵ sobre seu entendimento de como chegar ao “paraíso”, alcançar a “vida eterna”, ou cumprir “a vontade de Deus”. Nessas explicações, os autores fazem analogias entre os cristãos e os corredores, realçando as qualidades necessárias para quem deseja alcançar seus objetivos e a necessidade de empenho em busca de desenvolver essas mesmas qualidades.

Mesmo sendo uma prática muitas vezes considerada nobre, a maior parte das referências traz consigo a presença da dor, da superação, do risco ao fracasso e, muitas vezes da ocorrência da morte. Na famosa e legendária façanha que dá origem à maratona, a morte encerra a narrativa sobre um mensageiro, colocando o

⁴ Quando a mensagem desagradava, geralmente ocorria o assassinato do mensageiro após a entrega.

⁵ Dentre os mais evidentes, Paulo, auto-intitulado apóstolo de Cristo, da cidade de Tarso. Conhecido por seus contemporâneos como Saulo, antes de sua conversão ao cristianismo.

drama físico em evidência e apresentando o cerne da prática da corrida de resistência. Conta a lenda (JONES, 2003) que por volta de 490 a.C., um soldado grego correu os mais de 35 km de distância que separam as cidades de Maratona e Atenas no intuito de avisar da vitória dos gregos sobre os persas. Cumprida a missão o soldado cai exausto e morre. Um simples conto que reúne elementos que parecem ter na atualidade forte ligação com a prática da corrida. A resistência ao sofrimento, a perseverança na busca de seu objetivo, a solidão e individualidade no caminho percorrido e, as relações sociais, que implica em uma relativa abnegação em favor de uma responsabilidade e dever sociais.

Longe dos perigos e necessidades desse tempo remoto, a imagem do correr carrega o peso desses elementos. Ao conversar com pessoas sem o hábito de correr, justificam isso com frases negativas como “eu não corro porque eu não tenho fôlego”, ou, “eu não tenho resistência” e ainda “pra correr tem que gostar”. Outras pessoas chegam a dizer que não correm porque não gostam de sofrer. Entre os corredores, o contrário pode ser escutado nas conversas, expressando a certeza de estarem se tornando “a cada dia mais resistentes”, suportando cargas que “os outros não agüentariam”.

Esse correr não está isolado das relações sociais, mesmo estando fora do contexto esportivo e de competição. Envolve o homem que, de acordo com Geertz (1989, p.15), “é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”, seja qual for seu nível de prática ou aptidão. Obviamente, pertencer ao contexto esportivo e se apresentar como “atleta” ou “corredor” tem um valor simbólico de superioridade física, disciplina e outros valores que em geral, dão ao indivíduo um lugar de respeito na comunidade.

A ligação do correr com a superioridade física e especialmente com a saúde pode ter sido reforçada a partir da influência do médico Kenneth Cooper, com suas teorias relacionadas com a corrida e seu famoso “Teste de Cooper” na década de 1970. Durante a década, a própria “corrida despreocupada” passou a ser chamada de “cooper”, sendo sinônimo das corridas de resistência aeróbia e tornando-se “grife” de condicionamento físico (FRAGA, 2005).

Entretanto, um fato é bastante curioso na sociedade em que vivemos, especialmente quando pensamos um pouco sobre o ato de correr e sua destacada posição entre movimentos humanos elementares. Ao observar a movimentação de pessoas na cidade, não é comum vê-las correndo, a não ser que estejam em duas

situações principais: em exercício, equipadas e com acessórios para a atividade; ou, correndo por alguma urgência, atrás de um ônibus, atrasadas, etc.

Olhando pelo lado da evolução tecnológica – lembrando de formulação de Descartes onde o modelo do corpo é a máquina, sendo discernível apenas pela singularidade de suas engrenagens – vemos a separação da mente e do corpo, que é considerado no discurso científico contemporâneo somente um suporte da pessoa. Com a tecnologia, caminhar e correr tornam-se recursos raramente utilizados. A não ser em academias e outros locais destinados para as atividades.

As mudanças das relações de homens e mulheres com o corpo e o próprio movimento alteraram a relação com o mundo, embora disponham do mesmo corpo e mesmos recursos físicos de milênios atrás. “A ancoragem corporal da existência perde seu poder”, de acordo com Le Breton (2008, p.20). Quando ainda pequenas, a tendência de correr parece estar internalizada nas crianças e uma expressão de sua existência, mesmo quando movimentos elementares como os requisitados na caminhada necessitam ainda ser acertados. Com o passar do tempo, o correr na vida passa a ter um significado diferente e a marcha vai se tornando mais lenta.

Por outro lado, o correr vai tomando outras formas e ocupando lugares diferentes no cotidiano das pessoas. Hoje a corrida assume com aceleração cada vez maior um lugar de produto de consumo na sociedade ocidental. Na década de 1970, época em que foram difundidas as teorias e o teste, o *boom* das corridas de rua e da prática de corridas como exercício físico nos Estados Unidos e Europa (IAAF, 1996-2009). Não demorou o surgimento de diversos meios comerciais de envolver cada vez mais os amantes do esporte: revistas especializadas em corridas, como a famosa *Runner's World*, alimentos especiais, dietas específicas para a corrida, etc.

No ramo das revistas sobre corridas no Brasil, o lançamento da revista *Contra-Relógio*, a mais antiga revista de corrida de que tenho notícia, acabou de completar 16 anos em outubro de 2009, com ampla divulgação entre os corredores e baixíssimo conhecimento por parte de não-corredores. Só para se ter uma idéia, já havia mais de 300 assinantes antes do primeiro número ser lançado. Nos primeiros anos de existência, a revista se apresentava como uma publicação humilde, em escala de cinza, com um número de páginas bem menor que o atual (CORPORE BRASIL, 2003). Com o aumento dos participantes e principalmente a transição do perfil socioeconômico dos participantes que são predominantemente encontrados

nos eventos de corrida, houve uma brusca transformação no mercado voltado para a corrida.

O público de corredores tornou-se um alvo de empresas de vários setores. A revista *Contra-Relógio* hoje tem uma publicação em cores com nível técnico melhor. Basta uma breve folheada para perceber as diferenças entre as primeiras publicações da *Contra-Relógio* e as últimas para percebermos a mudança de apelo ao público consumidor.

Em números antigos se podem obter dicas de um bom tênis para a corrida, por exemplo, levando em conta a busca pela performance. Já nas últimas revistas existem várias propagandas de tênis caríssimos, que não são modelos destinados à prática visando alta performance, além de outras propagandas como de porta-caraminhola, porta-gel, relógios com sistema de orientação via satélite, óculos com mp3, entre outros acessórios, além de comerciais sobre viagens, dicas de estética, etc.

A famosa revista *Runner's World*, anteriormente só publicada nos EUA, Canadá e Europa, é relançada no Brasil em novembro de 2008, com uma previsão de tiragem de 80.000 exemplares mensais, a um custo de 10 reais, aproximadamente (ABRIL, 2008). Em Porto Alegre, um lançamento específico na área de corridas de rua foi o do *Jornal Sprint Final*⁶ em 2008. O jornal tem distribuição gratuita e é apoiado pelo Grupo RBS. Nele se encontram reportagens com alguns dos principais corredores do Estado do Rio Grande do Sul, dicas sobre corrida e diversos interesses dos corredores.

No setor calçadista as mudanças também foram bastante evidentes e interessantes. A empresa Nike, famosa entre os corredores por desenvolver tênis com alta tecnologia para a prática de diversos esportes, foi ganhando força no contexto da corrida. Um dos fundadores da empresa⁷, Bill Bowerman, foi treinador de atletismo da Universidade do Oregon, e se interessava por desenvolver um tênis que fosse mais adequado aos seus corredores do que os tênis que estavam disponíveis na década de 1950 (NIKE, 2009). Um dos seus atletas de corridas de fundo mais expressivo mundialmente foi o fundista Steve Prefontaine

⁶ É possível acessar e fazer *download* dos exemplares gratuitamente pelo site <http://www.sprintfinal.com.br>. Acesso em 18 de dezembro de 2009.

⁷ Anteriormente chamada *Swoosh*.

(PREFONTAINE MEMORIAL COMITEE, 2000-2008). Além de Prefontaine, Bowermann treinou outros 30 atletas olímpicos (MIRANDA, 2005).

Hoje a Nike é uma empresa reconhecida por fabricar materiais esportivos de alta qualidade, com visibilidade mundial, patrocinadora de eventos e equipes de corrida e de outros esportes. Esses materiais não são reservados apenas aos desportistas do alto nível (p.ex., na corrida, tênis de competição e sapatos de pregos) estão acessíveis e adaptados para pessoas em todos os níveis de aptidão e prática. Abrangem as que têm características físicas diferentes das reconhecidamente atléticas (p.ex. tênis desenvolvidos para corredores com sobrepeso ou que atenuam efeitos lesivos da pouca aptidão para a atividade).

Nesse movimento onde corrida é valorizada como produto de consumo, outra novidade dá conta de tendências atuais de oferecimento aos consumidores. No campo da comunicação, especialmente na *internet* também surgem formas de agregar novos consumidores da corrida. Trata-se das comunidades on-line. São comunidades desenvolvidas na internet que possibilitam aos “novos corredores” o contato com outros corredores e, além disso, os coloca diante das últimas novidades tecnológicas desenvolvidas para a corrida.

Como pioneira no oferecimento desse serviço está a Nike⁸ novamente (ACHÔA, 2008). De acordo com Trevor Edwards, vice-presidente global da Nike em entrevista para a Revista Contra-Relógio,

a ferramenta está modificando a maneira como as pessoas correm. Ela as inspira a calçar o tênis, sair de casa e correr. É uma forma eficiente de conectar milhares de novos corredores diariamente, e já possui membros de mais de 160 países (*apud* ACHÔA, 2008).

Mostrando alta eficiência no estudo do mercado de corredores, a empresa também lançou uma segunda comunidade, diferenciada de sua primeira

⁸ De acordo com Achôa (2008), somente em um ano o site *Nike Plus* teve 22 milhões de acessos, sendo o site de corrida mais visitado no mundo. No Brasil, são mais de 2.300 usuários registrados pelo portal.

comunidade onde todos podem participar. O “Cartel Endorfina”⁹, é uma comunidade destinada à corredores de suposta alta performance¹⁰.

Para participar das comunidades é preciso preencher um cadastro com diversas informações, que servem para mapear os perfis dos corredores participantes. A Adidas, outra empresa reconhecida no meio esportivo também oferece uma comunidade on-line entre outras marcas de renome. O gerente de marketing da empresa fala da relação entre a empresa, o mercado e os perfis dos corredores: "Entendemos a necessidade do mercado e apostamos em uma verdadeira comunidade para corredores de todos os perfis, com o intuito de motivá-los ainda mais na prática do esporte" (Helio Kohan, *apud* ACHÔA, 2008). Essas referências são apresentadas com o intuito de elucidar um pouco mais o contexto em foco e não como base de uma discussão profunda sobre o tema.

A aproximação do mercado ao corredor está embrenhada em uma série de outros fatores. O oferecimento de comunidades on-line, por exemplo, pode ser um indicador de que uma parte considerável de corredores com condições de consumo dos produtos oferecidos busca por relacionamentos com outras pessoas que tenham afinidade na corrida. Também não se pode deixar de pensar que as necessidades podem ser geradas, na medida em que muitos produtos, na maioria supérfluos, vão sendo vinculados à práticas imprescindíveis para o desenvolvimento da corrida.

Nos últimos anos, o número de adeptos das Corridas de Rua no Brasil tem aumentado surpreendentemente (SARKIS, 2009). Esse crescimento tem ocorrido de forma mais acentuada nas faixas etárias de maior idade, acompanhando o fenômeno do envelhecimento no Brasil. Além desse primeiro aspecto, outros são principais para entender o panorama atual das corridas de rua: a apropriação do esporte pelo mercado, sendo visto como um campo lucrativo e possibilitando o acesso às categorias mais abastadas; a apropriação do esporte por empregadores que compram o produto visando às benesses oferecidas tanto pela visibilidade de suas marcas quanto pela produtividade de seus empregados; a busca por grupos de relacionamento que tem aumentado fortemente nos últimos anos (ver walkman - fone de ouvido e agora celular – para todos no ônibus).

⁹ Acesso à comunidade pode ser obtido em <http://cartelendorfina.com>. Acesso em 11 de dezembro de 2009.

¹⁰ Para participar o corredor deve ser convidado, embora tenha como pré-requisito mínimo correr abaixo de 44min58s uma prova de 10 km (PADILLA, *apud* ACHÔA, 2009), uma marca não considerada de alta performance (CBA, 2002-2009).

São aspectos que se referem a mudanças no contexto das corridas de rua. Essas mudanças têm sido percebidas no contexto da corrida pela articulação de três fenômenos principais que tem ocorrido: 1) a transição de perfil do participante das corridas de rua, alterando as relações percentuais de gênero, faixa etária, classe social e nível de performance¹¹; 2) o surgimento de novos modelos de eventos de corridas, que podem ser divididos em duas classes principais, as *corridas convencionais* e as *corridas fashion*; e, 3) o surgimento dos grupos de corrida, que dá conta de agregar os novos perfis de corredores, se coloca como alternativa de emprego para ex-atletas e sofre influências pedagógicas baseadas em valores carregados por esses novos profissionais.

Observando as participações dos eventos conhecidos como *Corridas de Rua*, é possível constatar mudanças na predominância de certas características que constituem o perfil dos corredores. Salgado & Chacon-Mikahil (2006) analisam o número de provas e participantes das corridas de rua realizadas entre os anos 1997 e 2005 em São Paulo. No estudo, apresentam dados onde 70% dos participantes das corridas de rua da cidade estão na faixa de pessoas com mais de 40 anos. No mesmo estudo menos de 1% dos participantes são considerados corredores de elite.

Em outro estudo, como o de Pazin *et al.* (2008), tem-se o dado de que em Santa Catarina no ano de 2006, 36,8% dos corredores de rua tinham idade superior a 50 anos. Da totalidade dos participantes, 57% dos participantes contavam orientação profissional, o que indica o poder de acesso de mais da metade dos corredores à serviços adicionais oferecidos.

Os dados sobre as idades dos participantes das corridas de rua em Porto Alegre indicam o mesmo sentido de mudanças no perfil dos corredores na cidade¹². Em Porto Alegre, a participação de homens e mulheres com idades superiores à 40 anos nas corridas representa em média 54,78% e 51,45%, respectivamente. A categoria “G” (faixa etária de 45 a 49 anos) foi a que apresentou o maior crescimento percentual nas participações totais masculinas – de 11,43% em 2005

¹¹ O termo “performance” utilizado ao longo do trabalho equivale ao termo “desempenho”.

¹² Os dados apresentados são oriundos de análises feitas sobre o “Circuito de Corridas CORPA” durante os anos de 2005 a 2009. Dados referentes aos eventos realizados em Porto Alegre foram obtidos e analisados a partir de informações oferecidas pelo CORPA em seu *site*. Salvo indicação, são esses os utilizados no desenvolvimento do trabalho. As “faixas etárias”, organização comumente utilizada pelo CORPA para separar corredores em categorias graduais de cinco em cinco anos de idade. Mais informações ver http://www.corpa.esp.br/circuito_corpa/regulamento.gif. Acesso em 31 de março de 2010.

passou para 16% dos participantes em 2009. Outra categoria masculina que sofreu uma grande alteração foi a categoria “A” (de 16 a 19 anos) que de 2,86% em 2005 aumentou para 4,38% em 2007 e decaiu para 0,86% em 2009.

Na população feminina, a categoria que apresentou maior crescimento percentual nas participações foi a “E” (de 35 a 39 anos). A categoria que representava 10% do total das participações femininas passou em 2009 a 14%. Semelhante ao ocorrido na categoria “A” masculina, o número percentual das participações na categoria “A” representou o maior decréscimo nas participações. De 4% em 2005, o número de participações da categoria “A” feminina veio diminuindo nos anos que se seguiram, chegando a 0,98% o percentual de sua participação em 2009.

Outra mudança está no número de participações femininas e masculinas. O número de homens e mulheres nas competições vem aumentando nos últimos anos, e de forma mais acentuada nos últimos 7 anos em Porto Alegre. Numa análise do número de mulheres participando do “Circuito de Corridas de Rua do CORPA” nos anos de 2005 a 2009, é possível constatar que a média da participação feminina no último ano praticamente dobrou em relação ao primeiro – de 50 mulheres por prova em 2005 para uma média de 102 em 2009¹³.

O movimento de corredoras na cidade de Porto Alegre tem sido tão forte a ponto de também merecer a atenção de uma empresa que promove agora a edição de uma corrida especialmente para o público feminino que até então só ocorria no Rio de Janeiro e em São Paulo¹⁴.

Ainda em Porto Alegre, as participações masculinas nas provas do mesmo circuito, embora não sejam tão acentuadas em crescimento, demonstram um aumento maior do que 50%. A média de participações que em 2005 equivalia a 210 corredores passou no ano para 350 corredores por prova em 2009.

Infelizmente, não obtive dados sobre a renda dos corredores participantes, mas outros fatores como o aumento do valor das taxas de inscrição nas provas, especialmente nos novos modelos que surgem; os grupos de corrida, que hoje

¹³ Essa grande movimentação feminina também teve reflexos importantes dentro do grupo pesquisado. A organização de encontros exclusivamente femininos pelas participantes do grupo foi sendo desenvolvida. Hoje existem os encontros da “Confraria TPM”. De acordo com um dos treinadores do grupo, esses encontros também reforçam a atração do grupo a essa população específica. O treinador conta que em uma determinada época, o número de mulheres superou o de homens no grupo.

¹⁴ Ver <http://www.nikecorre.com.br>.

compõem a maior fatia de participações nas provas; e, a alta evidência das corridas de rua no Brasil, podem ser dados como indicadores de um aumento da presença de classes de nível mais elevado que as classes anteriormente presentes em predominância.

Ainda por último, não poderia ser deixado de lado o fato de que muitos dos participantes das corridas têm vínculos diferentes dos que predominavam anteriormente. Nas relações anteriores, muitos estavam vinculados a clubes de atletismo que não cobravam qualquer taxa de participação, ofereciam algum apoio para o corredor, etc. Nos vínculos contemporâneos, as instituições que são representadas, sejam academias, clubes ou assessorias esportivas tem um custo repassado ao corredor associado.

Essas mudanças no perfil dos corredores participantes das corridas de rua vêm ocorrendo juntamente com os outros fatores. A dinâmica entre esses fatores garante aos eventos de corrida de rua uma forte visibilidade e um grande poder de atração, na medida em que torna o “sonho de ser atleta” possível para pessoas que antes estavam no “anonimato”.

Num movimento dialógico entre as configurações dos eventos de corrida e os perfis dos corredores participantes, ocorrem mudanças bastante importantes no âmbito das corridas em Porto Alegre. Surgem novos modelos de eventos de corrida, diferentes do modelo tradicional de corridas que era bastante comum na cidade. O modelo tradicional de corrida se baseia principalmente em valores de individualidade e competição, os novos modelos que surgem vem se baseando em valores de coletividade e relacionamento social, embora estejam presentes esses valores em ambos os modelos. Para definir os modelos de eventos de corrida atuais, um dos treinadores do grupo pesquisado, Leonardo Ribas, utiliza a separação por *corridas convencionais* e *corridas fashion*.

As *corridas convencionais* são populares, geralmente estão mais vinculadas aos valores mais tradicionais da corrida. Nelas, a maior parte dos corredores pertence às classes sociais mais baixas e há uma maior participação de corredores nível mais alto. Os corredores entrevistados afirmam que essas corridas são para os “corredores de verdade” ou para os “profissionais”.

As *corridas fashion* são as corridas mais elitizadas do ponto de vista econômico. Nelas as inscrições têm valores mais altos que nas convencionais, a produção é mais elaborada e envolvem “só os que podem”, alguns “corredores de

fim-de-semana”, “bombadinhos”, “patricinhas e mauricinhos”, um fato “lamentável” na visão dos corredores pesquisados. Alguns corredores de alto nível são convidados a participar, representando e divulgando marcas, mas geralmente essa participação é bem mais baixa do que em corridas convencionais.

Uma das formas de participação que atualmente tem se difundido é a de *revezamento*, variando em *revezamento em equipes* e *revezamento em duplas*. Semelhante às provas de revezamento realizadas em pista, por exemplo, as de 4x100m e 4x400m do Atletismo, onde as equipes são formadas por quatro corredores que correm as distancias de 100m ou 400m cada, é possível que as corridas de rua sejam realizadas em equipe. Essa forma de participação se dá juntamente com a participação individual que era anteriormente a única forma de participação.

Toda a organização dos eventos tem uma representatividade reconhecida entre os corredores. Em 1981 foi fundada em Porto Alegre o Clube dos Corredores de Porto Alegre, conhecido como CORPA¹⁵, uma entidade que hoje é responsável pela organização e realização dos principais eventos de corrida da cidade, além de assessorar eventos em cidades do interior e de fora do Estado. Em 2004, o CORPA organizou a primeira edição do evento “Circuito de Corridas de Porto Alegre” que desde então é realizado anualmente. No início, o Circuito era disputado em sete etapas realizadas em um mesmo local da cidade – na Avenida Beira-rio que costeia a orla do Guaíba. Com o passar dos anos houve variação no número de provas do circuito e a realização dele é alternada em locais variados da cidade.

Embora o número total de eventos de corrida tenha aumentado geometricamente, um dado importante é a diminuição do número de etapas do Circuito nos últimos anos. O Circuito que é composto por provas *convencionais* perdeu um pouco de sua força, passando a ser menos atraente aos corredores¹⁶. Outra alteração que ocorre no circuito é a inserção do *revezamento em equipes*¹⁷ e *em duplas* como nova forma de participação possível.

¹⁵ Site do CORPA: <http://www.corpa.esp.br>. Acesso em 26 de agosto de 2009.

¹⁶ Desde 2005 existe o “Circuito das Estações Adidas”. Um circuito *fashion*, composto por 4 provas, uma a cada estação climática. O Circuito é disputado em 7 capitais do Brasil, sendo reconhecido como um dos eventos *fashion* mais importantes do país. Disponível em <http://o2porminuto.uol.com.br/circuitodasestacoes>. Acesso em 23 de janeiro de 2010.

¹⁷ Nessa modalidade participam equipes e grupos de corrida, sendo atualmente complexo fazer alguma distinção entre os dois tipos, pois há uma mescla entre *atletas* e *corredores*. Utilizo no trabalho o termo *atletas* para diferenciar participantes que tem suas atividades diárias voltadas ao

Paralelamente, há um impulso dado pelo movimento em torno da corrida que vinha se intensificando em dois centros, São Paulo e Rio de Janeiro. Muitos profissionais da educação física se interessam e passam a investir nesse ramo.

É nesse contexto que começam a surgir em Porto Alegre os chamados *grupos de corrida*. Anteriormente, eram conhecidas as *equipes de corrida* formadas por atletas que faziam parte da elite da corrida, viviam em função do esporte, buscando uma alta performance. Com a transição da predominância de perfil dos participantes observada nas corridas durante os últimos anos – baseada nos fatores expostos: acessibilidade oferecida à diversidade de pessoas que desejam correr, novas formas de participação e os modelos de corrida – começaram a se formar agrupamentos de participantes que reuniam características diferentes das encontradas nas *equipes de corrida*.

Os grupos de corrida geralmente se originam do relacionamento entre amigos que, por motivos diversos acabam se juntando para participar de um evento como uma equipe de revezamento. Aos poucos vão se reunindo mais amigos e/ou conhecidos e o grupo vai aumentando. Mas as dinâmicas dos grupos são bastante variadas e complexas, não podem ser determinadas de forma simples. Alguns seguem depois da primeira experiência, participando com regularidades dos eventos que vão sendo oferecidos. Outros apenas participam de eventos determinados, mantendo certa tradição de participação.

Hoje o número de grupos de corrida na cidade chega a ser de difícil contagem, pois existem vínculos diferentes, grupos que surgem e desaparecem, mudam de nome e muitas outras situações acontecem. Suas configurações também são variadas e podem sugerir diversas classificações. Em apêndice, proponho uma forma de classificar os principais aspectos que configuram os grupos de corrida em Porto Alegre (APÊNDICE A). O surgimento e aumento do número de grupos de corrida na cidade relacionado ao tipo de vínculo que mantém com alguma instituição também apontam para a abrangência de uma população de corredores diferente das anteriores.

desenvolvimento do atletismo, um grupo específico de corredores que constitui a *elite* da corrida. O termo *corredores* é utilizado de forma mais ampla e para referência de todos os participantes, incluindo uma variedade daqueles que não tem a corrida como principal atividade. Pela limitação do trabalho, não pretendo discutir profundamente esses termos, mas apenas deixá-los suficientemente claros para entendimento do contexto apresentado.

Aos poucos, começam a surgir também grupos organizados a partir de iniciativas entre profissionais de educação física e empresas dos mais diversos ramos de atuação, influenciando nas relações da cidade com a corrida¹⁸. As observações de campo e os dados coletados indicam dois movimentos no contexto das corridas de rua envolvendo os grupos de corrida. Uma primeira onda que surge de grupos de corrida, formada a partir da iniciativa de amigos e conhecidos, impulsionada pelos ventos do mercado – que buscam oferecer formas de lidar com a necessidade contemporânea de relacionamentos “concretos”. A segunda onda sobrepõe a primeira, sendo formada pelo movimento de diversos profissionais, sobretudo os da Educação Física em torno de serviços de assessoria e treinamento para corredores. Em poucos anos, essa movimentação inova as configurações dentro das corridas de rua.

A nova organização dos participantes em *grupos de corrida* (APÊNDICE B) também acabou sendo apropriada por atletas e ex-atletas tanto de Porto Alegre quanto de outras cidades do interior do estado do Rio Grande do Sul. Dentre as modificações apresentadas, essa está relacionada aos que antes faziam parte do até então seletivo grupo de corredores e agora têm como possibilidade profissional a atuação como treinadores, como assessores ou auxiliares nesses grupos de corrida. Muitos atletas que participavam das corridas de rua foram sendo convidados por lideranças de dentro dos grupos que eram formados para serem treinadores ou assessores nas atividades desenvolvidas. Alguns deixaram de competir, outros ainda mantêm de forma menos rigorosa o treinamento e competem com menos frequência. Além disso, muitos atletas e ex-atletas formaram seus próprios grupos.

Entre os responsáveis pelos grupos, existe uma variedade de níveis de instrução para a atuação com o treinamento de corrida¹⁹. Uma série de saberes,

¹⁸ Em 02 de setembro de 2001, a inauguração do trajeto conhecido como “Caminhos dos Parques”. Um percurso de 5 km de extensão e 3m de largura, que interliga os parques Moinhos de Vento e Farroupilha e a orla do Guaíba (KLERING, 2001). Mesmo tendo sido desativado no primeiro semestre de 2009, ainda é possível encontrar diversos grupos correndo ou caminhando por ele. Ainda nesse ano, em 03 de agosto 2009 é inaugurada em Porto Alegre a “Miriam Caldasso - Academia de Corrida”, primeira especializada em atividades voltadas para a corrida (ANEXO A). A proposta foi da ex-corredora de provas de fundo que dá nome à academia, altamente reconhecida no contexto da corrida pelas vitórias significativas e por representar o Brasil em competições internacionais. Mais informações podem ser obtidas em <http://www.correndo.com.br>. Acesso em 20 novembro de 2009.

¹⁹ Hoje se pode encontrar desde professores que participaram da seleção brasileira de atletismo treinadores e atletas, até ex-atletas sem formação acadêmica.

crenças e mitos sobre a corrida e as atividades físicas, especialmente nas áreas de treinamento, fisiologia e populações especiais são postas em circulação.

Outra questão interessante é que algumas posturas pedagógicas começam a se desenvolver. Em uma das pontas é possível perceber que alguns ex-atletas têm posturas semelhantes às dos seus ex-treinadores. Muitas vezes esses se esquecem das características dos seus clientes/alunos/corredores, demonstram intolerância e impaciência na cobrança de resultados e empenho nas atividades. Noutra ponta, treinadores de alto nível que entendem as diferenças entre os perfis de corredores que geram necessidade de formas novas e diferenciadas de trabalhar.

Na tensão entre as duas forças, a legitimização dos saberes e práticas vão se dando a partir de um complexo equilíbrio entre os resultados objetivos em prova (a marca no cronômetro, a distância, etc.), o discurso médico, e a afetividade, especialmente em se tratando de ex-atletas com trajetórias de sucesso no esporte.

Em falas de corredores mais velhos se expressaram percepções sobre essas mudanças no contexto das *corridas de rua* que foram ligadas principalmente aos interesses econômicos do mercado. “Isso tudo acontece por um tênis custar 400 reais e as empresas descobriram que é fácil vender brinquedo pra homem. É fácil vender um hobby do mesmo jeito que vender aquelas coisas de mulher”, afirma um dos corredores na tentativa de explicar o crescente aumento das corridas de rua e do apelo para o consumo de bens envolvidos no esporte.

Alguns vêem isso como fato negativo, pois com as mudanças ocorridas os eventos de corrida passaram a ter um custo mais alto, limitando a participação de muitos em um esporte baseado numa prática consideram um direito humano: o correr. Argumentam que a corrida é uma atividade natural do ser humano e por isso, todos deveriam ter acesso a ela. Além disso, corredores que começaram a correr anos antes dessas mudanças demonstram certa aversão à participação dos “atletas de academia”, referindo-se aos participantes de grupos vinculados às academias que tem aumentado seu número. Esses não são considerados “corredores” por não ter as qualidades que consideram imprescindíveis aos “corredores de verdade”.

“Corredor de Verdade” é um sentido mobilizado pelos corredores de rua para diferenciar “o melhor corredor” do “corredor ruim”. Interessante que o termo foi utilizado por um fabricante de materiais esportivos que promove um evento de corridas chamado “Circuito de Corridas FILA: Corredores de Verdade” e tem como

slogan “Correr é Humano”²⁰. Os corredores mais velhos dentro do grupo investigado lamentam a diminuição de corredores dessa categoria nos eventos atuais.

As influências de empresas de material esportivo nas corridas de rua, se por um lado são vistas de forma negativa – principalmente pela exclusão de corredores com baixas condições financeiras que geram ao promover eventos mais caros – por outro, também são vistas de forma positiva. Para os corredores entrevistados para a pesquisa, a atenção dada pelas empresas é vista como reconhecimento de valores que agregam como corredores há tempos esperado. O mercado é visto como um ponto de referência e crivo de aceitação social pelo qual a prática dos corredores é submetida.

De acordo com os corredores, as empresas passaram a entender um pouco mais das características específicas e das necessidades dos corredores de rua, numa ambivalência de interesses na produção e promoção de bens de consumo: valorizar o corredor reconhecendo-o e lucrar a partir da sua capacidade de consumo. Penso que são estes os elementos essenciais para se iniciar qualquer reflexão sobre a *corrida de rua* e suas configurações mais recentes na tentativa de aproximação da realidade.

²⁰ Informações disponíveis em: <http://www.corredoresdeverdade.com.br/>. Acesso em 24 de agosto de 2009.

3 O IMPORTANTE É GANHAR

São muitas as formas de práticas do esporte. Stigger (2005) chama a atenção para esse fato, vendo-o como resultado da popularização do esporte. Se por um lado existe no esporte uma perspectiva homogênea que viabiliza trocas esportivas em nível global, por outro, a sua democratização fez emergir uma ampla diversidade cultural, tanto no que se refere às suas formas de realização, quanto aos sentidos que lhe são atribuídos (STIGGER, 2005).

Dentro da variedade de formas de realização, a que é evidenciada e pesquisada no trabalho apresentado é a forma na qual os praticantes realizam o esporte de forma sistemática, empenhando e desenvolvendo ao máximo suas habilidades, com o propósito de atingir os seus objetivos. No caso dos corredores de rua, esses objetivos se localizam tanto dentro de parâmetros já estabelecidos no contexto, como marcas e títulos, quanto dentro de uma série de objetivos que muitas vezes estão fora desses mesmos parâmetros.

Entre os corredores, os que realizam o esporte dessa forma são ditos “competitivos” ou “que levam à sério”. Para corredores que levam “à sério” sua prática esportiva, o importante não é competir, o importante é ganhar. Melhor dizendo, os corredores no *lazer sério* não entram em pista com uma postura popularmente expressa pelo dito “o importante é competir”. Nenhum deles procura a participação em primeiro lugar, a busca essencial é pelo desempenho na prova. “Não me vem com essa de participar, qualidade de vida... qualidade de vida pra mim é isso. Eu to aqui pra ganhar...” explica um corredor, contribuindo para as afirmações anteriores.

Para vencer, é preciso que haja comprometimento e dedicação nos treinamentos²¹ que exigem o melhor que o corredor pode oferecer de todos os seus recursos. Vencer é a materialização do resultado de muitos esforços que não tem a

²¹ Atividade fundamental dentre as atividades envolvidas no esporte.

mesma visibilidade da vitória, embora estejam sempre implícitos. “O treino é mais difícil que a competição”, afirma um treinador de atletismo.

Na investigação foi dada atenção para essa forma de levar o esporte. Palavras como *lazer* e *profissionalismo*, muitas vezes de forma contraditória, brotavam nas conversas como expressões de sentido claro para os corredores. A forma como levam a corrida e todas as atividades envolvidas com seu desempenho era concebida como uma forma “natural do ser humano” na busca de seus objetivos. Reconhecendo não serem profissionais, entendiam não ter condições de alcançar resultados comparáveis aos de atletas, mas indicavam a importância de irem além do que já haviam conquistado na corrida.

O conceito de *lazer sério* é uma formulação importante utilizada como referência. *Lazer Sério* é um tipo de lazer que surgiu do estranhamento do sociólogo norte-americano Robert A. Stebbins (2008a) durante uma pesquisa sobre as atividades de amadores e profissionais entre os anos de 1973 e 1976²². Alguns dos sujeitos entrevistados na pesquisa faziam questão de deixar claro que a forma que eles praticavam a atividade não era igual a das pessoas que faziam por lazer. Eles diferenciavam-se em suas próprias percepções por fazerem as atividades com muita seriedade e compromisso. Em suas falas apontavam um distanciamento da concepção dominante no senso comum que via o lazer como “*simplesmente um tempo bom*”, ligado à diversão e ao descanso (STEBBINS, 2008a).

A partir desse primeiro estranhamento, Stebbins formulou o que chamou de *lazer sério* e com o passar dos anos propôs um modelo teórico conhecido como “*A Perspectiva do Lazer Sério*”²³. Nesse modelo ele enquadra não somente o *lazer sério*, mas também outros dois tipos de lazer que identificou como principais. O primeiro tipo é o *lazer casual*, caracterizado centralmente pelo hedonismo. Mais precisamente, os participantes desfrutaram de um significativo nível de divertimento e prazer (STEBBINS, 2008a).

O segundo, *lazer baseado em projeto*, compreende atividades ocasionais e criativas durante o tempo livre. O adjetivo “ocasional” refere-se a momentos como aniversários, festivais religiosos ou feriados nacionais. E o adjetivo “criativo” sugere como resultado da atividade algo novo, demonstrando certa habilidade e

²² O projeto ficou conhecido como “*Fifteen-year Project*”.

²³ The Serious Leisure Perspective.

conhecimento. Organizar festas, confraternizações e encontros de final de ano são bons exemplos desse tipo de lazer.

Por último, o *lazer sério*, que é o primeiro tipo de lazer identificado e estudado por Stebbins²⁴. O *lazer sério* é definido pelo autor como:

a prática sistemática de uma atividade por amadores, praticantes de hobby ou voluntários onde encontram solidez, interesse e realização que em casos típicos, pode lançar-lhes numa carreira (de lazer) centrada na conquista a partir da expressão de uma combinação de habilidades especiais, conhecimento e experiência (STEBBINS, 1992, p.3, *apud* STEBBINS 2008a, p.5, tradução do autor).

Tipicamente, o *lazer sério* tem sido contrastado com um lazer “casual” e “não-sério”, que são considerados menos substanciais e não oferecem carreira da forma descrita. Um dos elementos que define o *lazer sério* é a recompensa intrínseca imediata que proporciona uma vivência prazerosa.

O *lazer sério* é principalmente caracterizado pelo zelo, entendido como realização sistemática e dedicada com o qual o sujeito praticante encara a atividade que se propõe a desenvolver. Esse zelo pode ser comparado em muitos aspectos ao que apresentam nas atividades que desenvolvem em seus trabalhos profissionais. A busca pela participação no *lazer sério* é também apontada por Stebbins como típica de profissionais que se aposentam ou se afastam do trabalho profissional por alguma razão. Em investigação com aposentados, constatou que o “espírito do trabalho”²⁵ foi tão influente e poderoso que os levava a procurar por algo equivalente nas suas vidas extra-profissionais.

De acordo com Stebbins (2000), o *espírito do trabalho profissional* constitui uma parte importante da “subcultura ocupacional”, desse modo, sabe-se através de pesquisas sobre as ocupações que esse *espírito* caracteriza a cultura de cada profissão com uma qualidade especial não encontrada em outra profissão ou outra ocupação (STEBBINS, 2000, p.02). Difere da ética protestante. Na ética protestante

²⁴ Um esclarecimento importante é que Robert A. Stebbins utiliza o nome “Serious Leisure Perspective” (STEBBINS, 2008a) para referir-se ao conjunto formado pelos três tipos de lazer que identificou (lazer sério, lazer casual e lazer baseado em projeto). Stebbins (2008a) justifica essa utilização pelo fato de que o “serious leisure” já estava inserido no contexto acadêmico há mais tempo e, por sua familiaridade acadêmica, se manteve dando nome à Perspectiva (STEBBINS, 2008a).

²⁵ O “*spirit of professional work*”.

há a crença em um sistema religioso de salvação eterna, já o *espírito do trabalho profissional* é uma série de valores, atitudes, expectativas que alimentam um desejo de encontrar uma profunda satisfação na vida diária (*Idem*, 2000, p.19). Embora o *espírito* seja diferente, suas raízes o fundamentam na *ética protestante*, como demonstra Weber (2004). Essa equivalência era encontrada no *lazer sério* (STEBBINS, 2000).

Nessa mesma direção encontra-se o pressuposto de Havighurst (1961 *apud* DOLL *et al.*, 2007), de que o envelhecimento bem-sucedido significaria a manutenção pelo maior tempo possível das atividades iniciadas na meia-idade, sendo substituídas quando necessário. Esse pressuposto contribui na medida em que nos faz considerar o significado do lazer sério na vida dos que se aproximam da velhice em meio a necessidades que são satisfeitas a partir de relações semelhantes às profissionais.

Em sua investigação, Robert A. Stebbins (2007) identificou o que chamou de “seis qualidades” do *lazer sério*. Essas qualidades orientam as análises feitas ao longo do trabalho de investigação e foram entendidas como elementos interessantes para se pensar o envelhecimento dos corredores. A primeira qualidade é a *perseverança*. Ela está relacionada à convivência com o medo e riscos existentes tanto no campo real quanto simbólico, presentes nas atividades relacionadas ao desenvolvimento do *lazer sério*. Nessa qualidade, alguns riscos podem ser potencializados pelo envelhecimento, pensando a imagem da *velhice* na sociedade – densamente desvalorizada e carregada de significados que promovem exclusões de vários lugares sociais (MERCADANTE, 2002, p.75) – e também questões ligadas às típicas mudanças biológicas (JECKEL-NETO & CUNHA, 2002, p.13).

A persistência nas atividades em meio aos riscos alimenta a segunda qualidade que é a *carreira*. Ela é desenvolvida através de processos que envolvem as conquistas obtidas pelos praticantes como resultado de suas performances nas atividades e o reconhecimento social que obtém.

A terceira qualidade é o *esforço* ou *aquisição de habilidades*. Está vinculada aos aprendizados necessários à manutenção e desenvolvimento das atividades, ocorrendo em diferentes níveis de aquisição. Quanto maior o *esforço* empenhado pelo corredor, maior será sua capacidade de desenvolver sua *carreira*.

A partir da prática das atividades por determinado grupo de pessoas, começa a haver uma forte tendência à *identificação*, sendo a quarta qualidade identificada. No

resultado do reconhecimento entre os entusiastas das suas práticas, crenças e atitudes no *lazer sério*, se origina a *identificação*, quarta qualidade. A *identificação* se interliga a duas outras qualidades do *lazer sério* que são: a de *ethos único* ou *mundo social específico* e a dos *bens duráveis* ou *premiações*. A qualidade de *ethos único* compreende o mundo social que é construído a partir da prática de entusiastas durante anos na busca de seus interesses. Esse mundo social também será chamado de *mundo dos corredores* no trabalho.

A qualidade dos *bens duráveis* ou *premiações* compreende os benefícios tanto emocionais como sociais que acompanham o *lazer sério*. Esses benefícios constituem a moeda psicossocial do *mundo social especial*, sendo identificados como: a auto-atualização, auto-expressão, auto-enriquecimento, regeneração ou renovação do *self*, sentimento de completude, melhora da auto-imagem, da interação social e durabilidade dos produtos físicos da atividade (medalha ou troféu, por exemplo) e a autogratificação (ANEXO B).

O olhar diferenciado que se torna possível através do conceito de *lazer sério* permite que sejam incluídas formas que idosos e envelhecetes encontram de ocupar o seu tempo disponível, de maneira significativa e engajada consigo mesmo e com o meio. Na busca de realização, outras formas de realizações são manifestadas, diferentes das atividades casuais, tão valorizadas e propostas a eles muitas vezes a partir do senso comum. Essa diferenciação, além de incluir pessoas que muitas vezes não são foco de atenção por não trazerem preocupações numa dimensão de cuidado, pode contribuir para a descoberta de aspectos importantes envolvidos no processo de envelhecimento dos indivíduos participantes (OLIVEIRA & DOLL, 2009).

Ainda, é possível pensar um pouco mais sobre as influências sobre a trajetória de vida de pessoas que buscam sentido em práticas de atividades que se igualam às atitudes e valores que vivenciaram ou vivenciam em suas vidas profissionais ou extra-profissionais (OLIVEIRA & DOLL, 2009). As atividades envolvidas na corrida e levada “à sério” pelos corredores investigados foram entendidas como o *lazer sério* apresentado.

4 LINHA DE CHEGADA

Chegar ao final de uma corrida com um resultado igual ou superior ao esperado é uma gratificação para corredores no que levam “à sério” a corrida. Antes de largar não é possível saber quem será o campeão, embora sempre haja “intuições” sobre o resultado do duelo entre os favoritos. A trajetória desses é acompanhada com relativa atenção pelos demais, geralmente informados sobre os melhores tempos que cada um deles já correu. As “apostas” vão sendo feitas a partir de conclusões que são ajustadas de acordo com o conjunto de informações coletadas antes e mesmo durante o evento. Perguntam-se entre eles sobre os últimos resultados, sobre o “estado” do corredor (se está “bem” ou “mal”), confirmando ou muitas vezes mudando suas opiniões.

As “apostas” se dão a partir da análise complexa – algumas vezes nem tanto – que os corredores fazem utilizando principalmente dados oriundos de sua experiência, dados objetivos referentes aos resultados obtidos pelos corredores em questão e a intuição que, de certa forma, pode ser vista como a leitura e interpretação desses dados.

Com essa ilustração, gostaria de iniciar a inserção de outro conceito utilizado nas análises apresentadas. O conceito de *atualização* utilizado que é baseado na proposta do filósofo Pierre Lévy, especialmente no livro “O que é o Virtual” (1996). O autor apresenta a *atualização* como uma forma de ser, situando-a entre mais três formas: a *virtual*, a *real*, e a *possível*. Uma forma de entender a *atualização* no sentido proposto é pensá-la em relação a essas outras formas.

Primeiramente, a forma *virtual*. A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, que derivado de *virtus* significa força, potência. Virtual é o que existe em potência e não em ato, diferente do uso corrente onde é freqüentemente empregado para

significar a ausência de existência. Trata-se de um *complexo problemático*, uma rede de nós de tendências e forças que acompanham um fenômeno, uma situação, um objeto ou uma entidade. No caso da ilustração, todos os elementos tomados como recursos para as análises sobre quem será o vencedor poderiam ser vistos como tal *complexo*. Para compreender a *virtualização*, poderíamos pensar: o campeão está *virtualmente* no corredor. O problema do *corredor* dado como exemplo é o tornar-se campeão.

Esse complexo exige um processo de resolução que é a atualização. De acordo com Lévy (1996, p.15), “O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto à concretização efetiva ou formal”. Como resolução para o problema, o tornar-se campeão será reinventado, criado, co-produzido com as circunstâncias que o corredor encontrar. É esse processo o entendido por atualização.

O *virtual* e o *atual* são duas formas diferentes de ser. Em termos filosóficos, o *virtual* não se opõe ao *real*, mas sim ao *atual*. A *atualização* surge como solução ao problema. Enquanto o *real* e o *possível* se assemelham, o *atual* em nada se assemelha ao *virtual*: ele é a resposta.

A atualização é criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e finalidades. Acontece então algo mais que a dotação de realidade a um possível ou que uma escolha entre um conjunto predeterminado: uma produção de qualidades novas, uma transformação de idéias, um verdadeiro devir que alimenta o virtual (LÉVY, 1996, p.17).

Em segundo lugar é preciso atentar para o entendimento de que o *virtual* também não se iguala ao *possível*. Os dois têm a latência como um traço em comum, ou seja, ambos não são manifestos. Porém, o *possível* já está totalmente constituído e determinado, ele se *realizará* sem qualquer alteração em sua natureza ou determinação. Na ilustração, os “apostadores” lidam com as chances de um *possível campeão*. É *possível* que apenas um seja o campeão, dentro das condições determinadas. *Possível* é entendido exatamente como o *real*, porém lhe falta existência (LÉVY, 1996, p.16). Na *realização* há uma materialização de uma forma preexistente (*Idem*, 1996, p.138).

Os exemplos dados baseados na ilustração proposta devem ser considerados em seus limites, sendo em ampla medida questionáveis pela complexidade dos conceitos. No caso do “*ser possível tornar-se campeão*” deve ser levado em conta somente variáveis como de performance e deixadas de lado variáveis que limitam ou ampliam as chances de alcançá-la, como fatores emocionais. Portanto, aponto desde já o limite dos exemplos de realização que serão dados, sendo necessária uma “tolerância” para que seja entendida a aproximação e se tenha um ponto de partida para futuras reflexões.

Para finalizar com um exemplo utilizando a velhice, poderia se dizer que, quanto ao virtual, “a velhice está *virtualmente* no homem/mulher”. A *atualização* corresponde às criações e invenções feitas a partir das configurações infundáveis do problema, no caso a *velhice*, mediante forças, tendências, símbolos e valores. A *velhice* que vai sendo criada é manifesta em cada no homem ou mulher, sendo considerada a *realização*, nessa perspectiva. Pelo já exposto, fica evidente que nem todas as *atualizações* são indiciadas por manifestações através das *realizações*, alguns desses indícios permanecem latentes.

Esses indícios são as *possibilidades*. Para chegar à *velhice*, num corte legal por exemplo, o homem e a mulher precisam alcançar a idade de 60 anos. Essa é uma *possibilidade*, existe, porém não materialmente. A partir do momento em que as *possibilidades* são manifestas elas se tornam *realizações*. Resumindo, isso quer dizer que, nesse caso, quando o homem e a mulher chegam à *velhice* acontece a *realização*. Uma *velhice* determinada pelas *possibilidades*, porém resultado de uma criação inventiva, a partir de forças e tensões que vão constituindo o *complexo problemático*, que é o próprio envelhecimento.

Quanto ao conceito de *atualização*, penso que é necessário atentar para o uso comumente dado ao termo. No campo da informática, onde é bastante utilizado, o termo geralmente se refere a modificações propostas para *softwares* com vistas a melhorar seu desempenho, como resposta às necessidades ou dificuldades encontradas pelos usuários desse mesmo *software*, ou para correção de erros não previstos ou não percebidos anteriormente. É possível, por exemplo, no *MS Office* verificar se existem “atualizações” disponíveis em rede para o programa. Muitas vezes, surgem avisos no computador informando a possibilidade de se obter e instalar as atualizações.

Na concepção de Lévy (1996), a *atualização* é vista como um processo, diferente da idéia de ser uma proposta de modificação determinada e pronta. Como exemplo, a área da informática poderia ser aproximada se a *atualização* fosse pensada como o processo de criação onde grupo de informatas envolvidos, a partir das dificuldades e/ ou necessidades encontradas, “realiza” a resposta aos problemas, ou melhor, concebe um produto para solucionar os problemas do *software*.

Penso que essa abordagem contribui bastante para as análises propostas. Do amplo *complexo problemático* analisado, foram destacados alguns elementos considerados elementares na investigação: o *lazer sério* e as *atualizações* que se vinculam de forma significativa ao *estilo de envelhecer* dos corredores. *Estilo de envelhecer* foi a forma encontrada de fazer menção ao conjunto de manifestações observadas entre os corredores sobre suas vidas que estavam atreladas intimamente ao seu envelhecimento.

Esse entendimento de *estilo de envelhecer* partiu do conceito de *modo de vida* como “a forma como o indivíduo manifesta sua vida”, a partir da consideração de que “a maneira como ele manifesta a vida reflete o que ele é” (GRANOU, 1975, p.50).

O *modo de vida* foi entendido como muito amplo para a análise. Então, o que se pensou foi em limitar esse foco olhando especificamente para as manifestações do *modo de vida* que tivesse uma relação direta com o *envelhecimento*. Então o *estilo de envelhecer* foi recurso delimitador no *modo de vida*, sendo entendido como conjunto de manifestações do *indivíduo* relacionadas ao seu envelhecimento. Essas manifestações são entendidas como as *realizações* que surgem a partir do *lazer sério*.

A principal pretensão que tenho com este trabalho é a de identificar, analisar e interpretar atualizações que ocorrem no modo de vida de corredores, mais especificamente, no seu estilo de envelhecer a partir do envolvimento e desenvolvimento da corrida como *lazer sério*. A abordagem de caráter etnográfico (FLICK, 2009), foi considerada a mais adequada para o estudo, visto tratar-se de uma investigação sobre um *ethos* constituído por um complexo de sentidos dados pelos sujeitos às suas realizações, onde se buscou expor pontos relacionados ao envelhecimento. Tudo isso dentro de um grande emaranhado de práticas, sentidos e significados complexos.

Dentro do contexto esportivo e especificamente das corridas de rua, foram feitas observações de um grupo de corredores chamado Percorrer (ANEXO C) durante um período de dois anos. Nesse período busquei identificar *realizações* que pudessem servir de pistas para as *atualizações*. As análises tiveram como baliza as *qualidades do lazer sério*, servindo de orientadoras para as aproximações. Na interpretação dos dados, estudos relacionados à antropologia do corpo, do risco e dos limites (LE BRETON, 2008; 2009a; 2009b) auxiliaram na variação de ponto de vista, complementando as reflexões.

As observações do grupo se deram em 4 espaços principais: o de *treinamento* do grupo, basicamente a pista da SOGIPA e as ruas de Porto Alegre; o dos *eventos* competitivos, as provas de corridas de rua na cidade de Porto Alegre; o dos *encontros* dos participantes do grupo, reuniões que fazem para confraternizações, organização para eventos e comemorações diversas; e, o *digital*, de troca de e-mails no qual fui incluído como participante, recebendo todas as correspondências que circulavam entre o grupo n período de pesquisa.

Como fonte de dados sobre as corridas de rua, utilizei-me de informações disponibilizadas no site do principal organizador de eventos de corrida em Porto Alegre, o Clube dos Corredores de Porto Alegre (CORPA), observações em competições, entrevistas com corredores participantes do grupo e conversas informais com corredores participantes das corridas e seus treinadores. Além disso, busquei em sites das revistas, reconhecidas pelos corredores como legítimas, dados que contribuiriam para a condução do texto. Durante o período de investigação, do início de 2008 ao início de 2010, estive presente nos treinamentos e em alguns encontros dos corredores, onde pude conversar com eles e, em movimentos de ida e vinda ao campo, ajustar algumas análises que foram se desenvolvendo.

Foram entrevistados 7 corredores do grupo, com idades entre 45 e 60 anos, após sua permissão através da assinatura de um termo de consentimento. Os entrevistados foram selecionados a partir do critério de representatividade que tinham dentro do grupo. Todos eles eram reconhecidos pelo grupo por levarem “à sério” a corrida e, portanto, orientarem suas vidas de acordo com as necessidades das atividades abarcadas pelo seu desenvolvimento. Depois de entrevistar os corredores selecionados do grupo seguindo um roteiro de entrevista, reli exaustivamente as transcrições feitas. Com o surgimento de alguns temas que

envolviam o envelhecimento, o termo *loucura* e *ser louco* por várias vezes saltavam nas falas passaram a fazer sentido.

Aos poucos foram se delineando outros temas que foram sendo agrupados de acordo com o entendimento do contexto analisado. Ao mesmo tempo, fui aprofundando as leituras sobre o conceito de *lazer sério* que, ao meu entender, melhor se aproximava das práticas que estavam sendo observadas. Ao longo da investigação, outros estudos ampliaram o entendimento das relações existentes nessas práticas e foram sendo utilizados de forma complementar ou mesmo fundamental. Não poderia deixar de considerar minhas experiências no atletismo, especialmente no que dizem respeito à minha presença no processo de constituição e funcionamento do grupo, e do relativo envolvimento com o grupo de corredores e as corridas de rua.

O grupo de corrida selecionado para participar da investigação treina em um clube da cidade de Porto Alegre chamado Sociedade Ginástica Porto Alegre, conhecido como SOGIPA (ANEXO D). O grupo de corrida funciona como um dos serviços oferecidos por uma empresa de assessoria esportiva criada por treinadores do próprio clube. O grupo é formado por homens e mulheres com idades, nível de instrução e condições socioeconômicas variadas. A maior parte do grupo é formada por homens, com idades que variam entre 40 e 55 anos, com ocupações profissionais das mais variadas – dentre elas as de professor, mecânico, médico, vendedor e segurança.

Os encontros para treinamento são regulares, ocorrem em dois dias úteis, geralmente terças e quintas-feiras, mais um sábado ou domingo. Atualmente²⁶ há o oferecimento de horários nas segundas e quartas-feiras para formação de novos grupos de treinamento. A maior parte do grupo se encontra entre 18h e 20h nas terças e quintas, e em horários que são marcados para os fins de semana, mas ainda há outros corredores do grupo que se reúnem para treinar em horários diferentes, principalmente ao meio-dia por razões diversas.

As principais atividades de treinamento do grupo de corrida acontecem dentro de um clube com grande tradição nos esportes. Esse é um dos elementos que dão ao grupo características muito peculiares. De acordo com um levantamento de dados feito durante o segundo semestre de 2009, o grupo está entre os maiores

²⁶ Desde 14 de dezembro de 2009.

grupos de corrida da cidade e no Estado em número de corredores participantes e estrutura envolvida. Uma das explicações para essa representatividade está em elementos que diferenciam o grupo tanto em sua proposta quanto em sua estrutura que é disponibilizada aos participantes.

A SOGIPA é um clube que detém certa hegemonia nacional e regional em diversas modalidades esportivas e possui uma projeção internacional, especialmente em esportes como atletismo, judô, ginástica olímpica e vôlei. No atletismo, são expressivos os dados sobre o número de vitórias da equipe e participações de atletas em seleções nacionais. Fora do atletismo, conquistas como a do título de campeão mundial de judô pelo atleta João Derli, trazendo maior visibilidade ao clube.

Mas a instituição não se destaca apenas como clube pela excelência esportiva, também é reconhecido como sociedade, tendo o famoso “Baile de Debutantes da SOGIPA” como evento marcante e distinto, além de ser lembrado por ter oferecido durante anos a tradicional “Festa de Réveillon da SOGIPA”.

A instituição está organizada em departamentos, uma parte relacionada a modalidades de esporte praticados (p.ex. departamento de esgrima, departamento de punhobol) e outra relacionada à grupos com atividades diversas (p.ex. departamento de escoteiros, departamento cultural). Para o atletismo existe o Departamento de Atletismo do clube que há anos conta com treinadores altamente qualificados, reconhecidos nacional e internacionalmente não só por se destacarem como treinadores, mas em alguns casos também por terem um histórico de méritos como atletas. Por décadas o departamento tem recebido um grande número de pessoas de idades diferentes que chegam com o sonho de tornarem-se atletas de renome e muitos deles conseguem.

A estrutura do Departamento é constituída basicamente por um corpo de treinadores que se dividem nas modalidades do atletismo (saltos, corridas, lançamentos e arremesso) e a estrutura física (pista de atletismo e vestiários). Além disso, o departamento conta com todo o restante da estrutura mantida pela SOGIPA (piscina, sala de musculação, praças, etc.).

Os atletas do Departamento podem ser encontrados praticamente durante o ano todo em treinamento. A dedicação notável explica muito das conquistas de jovens atletas nas competições. A presença e os resultados de atletas sogipanos são

sempre percebidos, mesmo quando não correspondem aos mais esperados pelos espectadores.

Nas corridas de rua, por décadas o clube tem revelado atletas das provas de fundo²⁷. Embora a SOGIPA tenha uma tradição no atletismo praticado nas pistas²⁸, a presença de atletas sogipanos nas provas de rua e também na composição do pódio das diversas “categorias” é notável. Essas categorias são conhecidas também por “faixas etárias” e são raras as exceções quando não existem nas competições (ANEXO E). Durante os anos que vão se passando, o clube tem mantido dessa forma a visibilidade não só nas pistas, mesmo com as diversas mudanças que ocorreram nos eventos. Essa visibilidade tem aumentado na medida em que as provas de rua começaram a superar em prestígio as provas de atletismo realizadas em pista, como bem apontado por Miranda (2007), parte de um processo de popularização e democratização das corridas de rua.

Diante dessas mudanças, o funcionamento da SOGIPA acabou sofrendo atualizações. A utilização da pista de atletismo por parte dos sócios do clube começou a aumentar significativamente, coincidindo com a instalação de uma moderna pista de atletismo. Dois treinadores dos atletas de fundo e meio-fundo juntamente com uma ex-atleta de saltos criam uma empresa que visava agregar esses sócios que se mostram entusiasmados a iniciar uma atividade de corrida sob orientação profissional. Nesse contexto iniciam as atividades do grupo conhecido como Percorrer, no ano de 2005²⁹.

Aos poucos, o grupo vai aumentando e ganhando certa visibilidade na cidade, atraindo ainda mais participantes. Os “novos corredores” começam a surgir não somente de dentro do próprio clube, mas também de empresas que começam a conveniar-se ao grupo e enviar seus trabalhadores para as atividades.

²⁷ Na década de 1980, João Pereira, campeão de diversas corridas de rua em nível nacional e internacional, faz algumas rodagens na SOGIPA e é atualmente funcionário do clube. Nos anos 90, Leonardo Ribas, treinador e diretor do departamento de atletismo e um dos treinadores do Percorrer. E mais recentemente, Dalvane dos Santos, fundista atual campeão gaúcho (2009) da prova de 5.000m e vice-campeão da prova de 10.000m, sendo atualmente o principal corredor do clube e do Estado nessas provas.

²⁸ Existe diferenciação entre as provas de atletismo que são disputadas em pista e nas ruas.

²⁹ Informações sobre o grupo podem ser obtidas no endereço eletrônico <http://percorrer.com>. Acesso em 06 de outubro de 2009.

Concluindo, destaco as características configuracionais do grupo de corrida investigado que o fizeram interessante para pensar o envelhecimento e a corrida de rua como *lazer sério*:

- 1) O grupo é constituído por pessoas de características bastante distintas em alguns aspectos como de escolaridade, idade, gênero, classe social e envolvimento esportivo. Existe uma representatividade tanto de corredores “descompromissados” quanto de corredores que levam “à sério”.
- 2) Dentre os participantes, há uma percentagem da participação constituída por mulheres e de corredores em faixas etárias que praticamente se iguala às encontradas nos eventos de corridas da cidade.
- 3) É atualmente o maior grupo de corrida da cidade de Porto Alegre, reconhecido entre os outros grupos de corrida.
- 4) Os corredores têm acesso aos dois modelos de corridas identificados (*fashion* e *convencional*), podendo escolher as provas que querem participar.
- 5) Corredores convivem com atletas de alto nível, evidenciando uma relação entre sua socialização e *status*. Esses atletas pertencem tanto às provas de corrida quanto a outras como provas de saltos, lançamento e arremesso³⁰;
- 6) Treinam com treinadores altamente qualificados e ex-atletas – inclusive com um treinador que participou como atleta e agora tem participado por anos das seleções brasileiras de atletismo como treinador. Além desse treinador, uma ex-atleta de nível olímpico que passou a dar atenção especial às mulheres que correm.
- 7) Atletas de alto nível representam tanto a SOGIPA quanto o grupo nas competições, promovendo o grupo entre os corredores.
- 8) O grupo tem local “próprio” e adequado pra desenvolvimento das atividades.

Esses elementos característicos do grupo dão a ele uma posição dentro do contexto das corridas de rua e são considerados como constituintes do *complexo* analisado. O contexto onde o grupo está inserido tem peso nas respostas que serão dadas à respeito das significações da velhice no esporte, atribuídas pelos corredores da pesquisa. Assim como um dos corredores, conhecido por desamarrar um dos cadarços de seus tênis durante o treino ao perceber que não conseguirá terminar o treino com os colegas, muitas outras *realizações* surgem como expressões de

³⁰ Modalidades que compõe o atletismo praticado em pista e campo.

curiosa criatividade no contexto do esporte, produzindo recursos para lidar com as várias tensões presentes. No caso descrito, uma das *realizações* é essa negociação do corredor com suas limitações.

Nos próximos capítulos apresento as *realizações* observadas no campo de investigação. Obviamente, somente algumas puderam ser inseridas, dadas limitações tanto pessoais quanto do trabalho. Foram selecionadas as *realizações* que apresentavam maior força de sentido relacionada ao envelhecimento no campo de investigação, que por essa característica viabilizava melhor o desenvolvimento da investigação. De qualquer forma, penso que as *realizações* identificadas e descritas, com esforço no sentido de detalhar as manifestações, se apresentam como claros indícios de *atualizações* no *estilo de envelhecer* dos corredores investigados, apontando para aspectos relevantes na tridimensionalidade do seu processo de envelhecimento observável.

Essas criações e invenções para o fenômeno *envelhecimento*, na limitação analítica e metodológica do trabalho, só podem ser percebidas por manifestações aqui chamadas de *realizações*. Foram as *manifestações* percebidas no campo de investigação que, consideradas altamente significativas no que diz respeito ao *estilo de envelhecimento* dos corredores, receberam destaque. Cabe ressaltar que elas não estão alocadas estritamente no *estilo de envelhecer*, elas fazem parte de um todo, abrangendo todas outras dimensões do *envelhecimento* e do *modo de vida* dos corredores.

Serão as *realizações* manifestas e identificadas que conduzirão a partir desse ponto do trabalho a apresentação das análises construídas sobre o campo de investigação. As *qualidades do lazer sério* são retomadas com uma redescritção de cada qualidade entendidas como relevantes em cada momento. Também trago durante a apresentação, algumas falas de corredores em entrevistas e conversas informais que no meu entender revelaram um significativo enlace com cada elemento discutido, explicitando fortes relações com o envelhecimento desses corredores.

5 A IRONIA: BRINCANDO COM A SERIEDADE DOS RISCOS

*“É simples: tu sai forte, vai aumentando no meio e, no final tu dá tudo, o sprint final”
(Trecho de conversa entre corredores sobre
“as melhores estratégias para corrida”)*

Meu envolvimento com a corrida no contexto competitivo do esporte é de aproximadamente 12 anos. Os primeiros contatos com o atletismo e o esporte de alto rendimento se deram em 1998, quando cheguei pela primeira vez na SOGIPA. Naquela época, a pista de atletismo era de carvão mineral, bem diferente da pista atual. Hoje o clube conta com uma pista que se iguala às pistas dos melhores centros de treinamento de atletismo localizados na América do Sul, tornando-se nos últimos anos referência nacional em instalações e consolidando sua posição como “celeiro do esporte”.

Cheguei à Sociedade como mais um jovem sonhador, acreditando que poderia ser um grande campeão das provas de rua, cheio de sonhos e idéias bem distantes da realidade que iria vivenciar no esporte. Em pouco tempo descobri as provas de pista, especialmente as de meio-fundo, provas onde encontrei certa facilidade de participação, tanto por características pessoais (físicas e emocionais), quanto pela identificação com o grupo de atletas participantes e o treinador responsável.

Mas posso dizer que fiquei chocado nos primeiros dias em contato com atletas e treinadores e durante os primeiros meses de treinamento. Já no primeiro dia surgiram as primeiras razões. Um dos motivos de choque tinha a ver com a linguagem que as pessoas envolvidas, treinadores e atletas utilizavam para incentivar uns aos outros e a forma como se expressavam. Embora hoje eu já esteja bem habituado, na época esse foi um dos desafios para mim.

O segundo motivo de estranhamento era a forma de brincar constante, que para mim parecia descontrolada e muitas vezes inapropriada. Ainda no primeiro dia em que cheguei, procurava por um “Sr. Leonardo Ribas” – treinador indicado por um amigo. Fiquei esperando a chegada do tal “Senhor” ao lado do próprio Léo. Enquanto esperava, o treinador sem se identificar, me fazia perguntas sobre meu interesse no esporte, me deixando ainda mais ansioso para o encontro com o tal “Senhor”. Também achei muito esquisito que, enquanto alguns corredores estavam fazendo tiros na pista, alguns passavam, outros sentavam para assistir, começavam a cronometrar e a discutir sobre os tempos³¹. Ouvia frases como “vai morrer!”, “pega, pega!”, “a casa vai cair!”, de pessoas que pretendiam incentivar aos colegas.

Esse último se liga a um fato que me causou bastante curiosidade na época: mesmo utilizando uma linguagem, na maior parte das vezes com tons de ironia, as coisas eram feitas com muita seriedade. Principalmente, no que diz respeito ao compromisso e responsabilidade nas atividades, tanto do treinador como dos atletas. Seriedade na concepção de Stebbins (2008a) se equivale ao zelo e ao comprometimento.

Além disso, muitas expressões, que em princípio poderiam soar como apenas irônicas para desavisados eram importantes para o desenvolvimento das atividades e não implicavam em falta de compromisso com a atividade. Certamente, contrariando os significados dados às brincadeiras em meios em que se exige sua ausência, o contexto observado estava totalmente permeado por essas manifestações que pareciam em alguns momentos, imprescindíveis e necessárias para se atingir os objetivos do esporte praticado em alto nível, ou seja, onde se busca uma alta performance.

Aos poucos fui percebendo que se tratava de um mundo diferente do que eu estava familiarizado, onde as diversas características dos atores sociais recebiam valores a partir de outros critérios. Características que antes poderiam ser menosprezadas em outras comunidades (magricela, brincalhão, etc.) passavam a ser relevantes dentro desse novo contexto.

³¹ Tempos mais tarde, levantei a hipótese de que era possível saber “o tempo do último tiro” perguntando para os espectadores presentes na pista. A idéia era um tipo de brincadeira, mas por várias vezes testamos meus colegas e eu dizendo aos espectadores “Puxa, não consegui pegar esse tiro! Sabe quanto deu?”. Na maioria das vezes, alguém acusava o tempo e confirmava em parte a hipótese.

A existência desse *mundo social específico* ou *ethos único*, construído a partir da prática de entusiastas durante anos na busca de seus interesses, caracteriza o *lazer sério* (STEBBINS, 2008a). Para Bourdieu, existem os esquemas generativos que o autor denomina de “habitus” (Bourdieu, 1990). Neste *mundo social específico* se encontram estes sistemas que, de acordo com Cunha, baseado em Bourdieu,

levam a conjugação de necessidade e virtude e escolhas e ações, acabam (com a internalização da objetividade do mundo social) acomodando-se e reproduzindo as hierarquias sociais, bem como a distribuição dos indivíduos nos espaços sociais e, consecutivamente, na divisão social do trabalho. (CUNHA, 2001, p.88)

Esse *ethos único* é objeto central de uma obra clássica sobre corridas “Guia Completo de Corrida”. Nela, o autor James F. Fixx (1977) apresenta como objetivo “introduzir o leitor no extraordinário mundo da corrida” (p.11). O livro traz diversas informações interessantes sobre as corridas, os corredores e os valores que cultivam. Interessante que Fixx apresenta ao leitor um *mundo padrão*, do qual todos os corredores participam e compartilham.

Um componente importante no *mundo dos corredores* é a sua linguagem, especialmente sua fala (Fixx, 1997). Esse componente foi observado nos eventos de corrida. “Tenho que rodar”, “dar tiros”, “vou trotar”, “tô soltinho”, “quebrei na volta” são algumas entre muitas outras expressões que fazem parte do cotidiano de corredores de rua. Constatei que não é preciso ficar muito tempo por perto de algum destes atletas em algum evento para ouvir não só as referidas acima, mas também outras que vão surgindo, uma variedade imensa. Perguntas como: “Vai correr São Leopoldo³²?”, ou, “Quanto deu por quilometro?”, de algum “rustiqueiro” mais sofisticado podem ser ouvidas comumente nos eventos.

“Rustiqueiro” é uma expressão usada entre os corredores do grupo Percorrer. Deriva da palavra Rústica, um tipo de corrida de rua que tem distâncias mais comuns entre 8 e 12 km. É o termo com que alguns corredores de rua chamam aos seus colegas, utilizada quase que exclusivamente pelos corredores que devem participar da pesquisa. O termo basicamente qualifica o corredor e, é consenso dos corredores que há alguns que reúnem mais qualidades características de corredores

³² Usei a cidade de São Leopoldo como exemplo. A pergunta sempre refere à próxima prova que ocorrerá na localidade que é citada. Por exemplo, se é em Porto Alegre a próxima prova de corrida a pergunta fica “Vai correr Porto Alegre?”.

de rua e outros menos. As características são positivas e negativas, embora sejam sempre valorizadas as negativas. Os que são reconhecidos por reunir mais destas qualidades são os *rustiqueiros*. Cabe dizer que algumas dessas características são: não saber fazer as coisas sem estar em atitude competitiva (p.ex. rodar sempre na frente e nunca ao lado dos colegas); ser aproveitador (p.ex. levar para casa a água distribuída na corrida); falar quase que somente em corridas ou coisas envolvidas com; estar informado sobre todas ou a maior parte das corridas que vão acontecer.

Qualquer visitante, seja pesquisador, seja curioso, ou mesmo alguém que esteja apenas querendo iniciar a prática da corrida, pode sem dúvidas, se aproximar de um *rustiqueiro*. E, com ele, obter as melhores estratégias de corrida, dietas alimentares pré e pós-competição, métodos de treinamento e ter acessos a informações que podem não ter qualquer relação com a prática de corrida. Muitas vezes, o conhecimento que é compartilhado é uma mistura dos conhecimentos e dicas de outros colegas e treinadores, de mitos e de práticas que deram certo em algum momento da vida dos que aconselham.

Esta é uma parte importante do *mundo dos corredores* ou, como brincam, do mundo dos *rustiqueiros*. Quando se reúnem em competições corredores de diversos lugares do país, parece que, a não ser por algumas características físicas, não há muitas diferenças entre eles. Parece não haver também muito distanciamento de *habitus* neste mundo entre pessoas de classes sociais diferentes. Entre os participantes³³ da pesquisa, existe concordância de que na corrida, são todos semelhantes, não há ninguém melhor do que outro do ponto de vista humano:

A: O ponto de igualdade das pessoas: ele ta correndo do teu lado, você não sabe se o cara é pobre, se é rico, se é preto, branco, você não ta nem aí, é um senso de igualdade que a corrida dá. Estão ali juntos, cara. Então ninguém nota se você é isso, se você é aquilo. O doutor vai correr? Doutor vai correr, põe calção vai lá e vai correr junto com o João, com o Léo, porque ele não tem diferença nenhuma. Eu acho que nisso aqui passa a régua e iguala todos. Não sou melhor que você nem melhor do que o outro (Aldo, 54 anos).

O *mundo dos corredores* também é visto e percebido como uma entidade capaz de promover suas crenças e valores, trazendo modificações que beneficiem a

³³ Os nomes utilizados no trabalho são fictícios, de modo a preservar a identidade dos corredores participantes. A moldura foi adotada ao longo do trabalho para destacar as falas e “casos” apresentados.

prática de um esporte reconhecido por eles como popular. Ou seja, os corredores acreditam que a afinidade que compartilham a partir de suas práticas pode ser utilizada como um ponto para união e luta por interesses comuns. Um dos corredores sugere o que pode ser feito, especialmente pelos responsáveis pelos grupos de corrida para tornar o preço dos tênis para corrida mais acessível aos corredores:

R: Pega esses caras, os donos, os treinadores, começa a chamar no caso os patrocinadores, 'Putá, espera aí, vamos colocar um preço mais justo nisso aí'. O quê eles tem que fazer, na hora que chegar isso a crescer mesmo: não tá na situação? Pega o Léo, pega não sei quem, pega não sei quem, pega 'Vamos montar uma associação. Pô, vamos começar a fazer alguma coisa pra ajudar os nossos corredores'. Ninguém é dono, não. É um esporte popular (Ruan, 54 anos).

Entender um pouco desse *mundo* ajuda na interpretação das *realizações* que foram observadas dentro do grupo de corredores, pois estão relacionadas com um universo mais amplo dentro do esporte. No enfrentamento diário que os corredores se submetem, muitas vezes a ironia utilizada nas falas é o escape para a adversidade do momento, o que não mascara, mas talvez deixe um pouco mais leve, o peso da insegurança oriundo do imprevisível e do risco.

A ironia é uma realização que pode ser observada no confronto com adversidades durante as atividades, na convivência com o medo e nas dificuldades. Ela se apresenta como uma forma criativa de desenvolver a *perseverança*, outra qualidade do lazer sério. A *perseverança* está relacionada a três formas de riscos que o praticante do lazer sério enfrenta: os perigos existentes no desenvolvimento das atividades envolvidas; a ridicularização ou embaraço decorrentes de atividades ou práticas estranhas à sociedade em geral ou da não consonância com o que é esperado pelo grupo em que está envolvido; e, os períodos em que ele ou seu grupo podem sofrer com uma série de "fracassos" na atividade. No trabalho, o risco é entendido como: "medida de incerteza, indica quais são os incidentes possíveis do perigo inerente a uma conduta ou a um empreendimento" (Le Breton, 2009, p.14).

Durante as atividades que são desenvolvidas pelo corredor no seu lazer sério, existem alguns riscos relacionados à sua integridade física. Em treinamentos e competições, as exigências impostas ao próprio corpo muitas vezes excedem sua

capacidade funcional e o levam ao colapso. Ao mesmo tempo, não correr “no fio”³⁴, pode significar deixar de exigir o máximo possível, o que resultará em um desempenho menor do que o desejado.

Na busca de um desempenho melhor, outras atividades que não são exatamente a de correr, mas que envolvem o treinamento para a corrida são necessárias. Alguns exercícios de coordenação, por exemplo, fazem parte da rotina de treinamentos de muitos corredores. Um observador não habituado com a visão pode achar bastante esquisito ver um grupo de corredores executando exercícios como o “passeando na floresta”, onde os corredores saltam com movimentos alternados de braços e pernas. Entre eles mesmos há brincadeiras ao se observarem nos exercícios. Além disso, não é tão comum se ver pessoas mais velhas com calções curtos, cujo desenho especialmente projetado para a prática do esporte, tem aberturas laterais expondo grande parte do corpo, dando às roupas características típicas e “estranhas”. “Eu acho uma roupa ridícula, mas eles precisam usar, né?!”, comenta uma espectadora em uma competição.

Os dois primeiros tipos de riscos mencionados poderiam também ser vistos como riscos que os corredores enfrentam em duas dimensões: a simbólica e a real. No campo real, estão vulneráveis a lesões musculares, disfunções homeostáticas (hipo/hipertermia, por exemplo). No campo simbólico, correm os riscos de serem ridicularizados, tanto dentro da comunidade onde desenvolvem seu lazer, pelos outros praticantes da mesma atividade, quanto por pessoas que não tem vínculo com o mesmo. Enfrentam o medo de exclusões, de lesões, de sofrimentos inesperados. Risco que antecede a prova ou treinamento, mas que, tendo sido posto à prova e superado causa a satisfação:

W: Quando tu vai correr a maratona pode acontecer uma infinidade de coisa que tu não complete a prova. Então quando você completou, você fica satisfeito, porque você diz assim “consegui me realizar”. Te sentes realizado porque tua meta foi atingida. (Wita, 50 anos)

³⁴ Ouve-se entre os corredores em geral a expressão “está no fio” quando querem dizer que o corredor referido está bem condicionado e deve ter cuidado para não se lesionar e perder um bom resultado possível. Embora seja muito utilizada, parece não haver um amplo conhecimento dos corredores sobre estudos indicando que as probabilidades de um resultado melhor aumentam proporcionalmente com as chances de lesões. Além disso, quanto maior o nível de qualidade do resultado, maior o nível de impacto da lesão. Acredita-se que uma grave lesão sobrepõe-se à uma alta performance e/ou vice-versa. Esse fato motiva o desenvolvimento do Capítulo “No Fio”.

No desenvolvimento das atividades, torna-se necessário que o praticante *persevere*, se mantenha praticando, supere os desafios que surgem no enfrentamento dos riscos decorrentes da atividade. Correr acaba sendo perigoso, e o risco vai aumentando gradativamente quanto mais o corredor se aproxima dos limites existentes. Não se trata apenas de riscos à chamada saúde física, mas também de outros associados ao pertencimento social, seus riscos simbólicos. Le Breton (2009) apresenta em seus estudos a conclusão de que uma das razões para a exposição a esses riscos, reais ou simbólicos, está baseada na busca por um sentido para viver.

A *ironia* pode ser vista como o próprio processo de *atualização*, onde se evoca uma resposta que envolve a reinterpretação dos significados. Ela desafia uma resposta criativa (O'NEIL, 2006, p. 07). De forma interessante, O'Neil (2006) ao investigar a utilização da *ironia*, demonstra suas amplas possibilidades:

A ironia nos provê de uma capacidade ilimitada de negar ou se opor a idéias. [...]. Ela permite que estabeleçamos estruturas para o debate dentro dos parâmetros do tópico ou tema, como uma forma de levantar questionamentos ao invés de fornecer respostas. É uma técnica para lidar com conceitos, uma metodologia, um meio complexo de apresentar idéias para a investigação e a oposição (O'NEIL, 2006, p.09).

A *velhice*, fator de risco por excelência, também é ironizada durante as atividades do grupo. Durante os treinamentos, por exemplo, não é raro ouvir alguém, geralmente dentre os mais velhos, exclamar: “isso não é coisa pra velho”, ou, “vou correr pra não enferrujar mais” – as brincadeiras freqüentemente se dão nesse tom. O “não é coisa pra velho” pode ter diversos significados, uma forma pode ser, por exemplo, dizer que preferia fazer outro treino, possivelmente diante de um treino que considera forte, mas que certamente vai tentar cumprir nas condições planejadas. Uma ironia com relação à própria velhice que só aparece convenientemente.

A *ironia* com relação à *velhice* fica evidente em falas dos treinadores do grupo que brincam com o *velho* da mesma forma que o grupo. Além disso, não existe diferença entre as exigências feitas para corredores mais velhos e mais novos por parte dos treinadores, de acordo com a percepção dos corredores mais velhos. Expressões como “vamos lá gurizada”, geralmente ditas para jovens atletas ou corredores são repetidas, muitas vezes provocativamente, para corredores mais

velhos que reagem às provocações com respostas do tipo “aqui só tem guri”, ou, “nosso único problema é de DNA³⁵”.

As reações dos corredores observadas nas relações internas do grupo parecem bastante positivas com relação às provocações. Dão impressão de se sentirem reconhecidos dentro do grupo, nem tanto por sua velhice ou qualquer outra característica, mas simplesmente por merecerem atenção expressa pela brincadeira com uma de suas características.

Num mundo de fortes tensões não solucionáveis, como, por exemplo, envelhecimento e alto empenho, amadorismo e seriedade, etc., a ironia é uma forma interessante e profunda de expressar a tensão, sem fugir dela ou silenciar. Ao contrário do que pode parecer, demonstra que as pessoas estão profundamente cientes da tensão, mas conseguem conviver, brincando com a situação, sem tirar a seriedade dela.

³⁵ DNA: “Data de Nascimento Antiga”

6 LOUCOS POR CORRIDA

“Quando corremos dia após dia, com bom e mau tempo, aprendemos à autodisciplina. [...]. Para alguém de fora, tal comportamento poderia parecer estranhamente compulsivo. Mas qualquer outro corredor mais sério sabe que cumprir um plano de treinamento é uma das melhores maneiras de assegurar a melhoria... e, como foi mencionado antes, de desfrutar os benefícios psicológicos de realizar exatamente o que se propôs a fazer”

(James F. Fixx, Guia Completo da Corrida, 1977, p.337).

Dentre tantas tensões entre que os corredores enfrentam no seu dia-a-dia, realizações puderam ser observadas a partir de pistas que surgiam em suas falas. No *lazer sério* essas tensões e linguagens expressam relações de ambivalências que ao longo do trabalho são expostas. Ao chegar em casa após meu primeiro dia de treino no clube, a frase que se repetia ao comentar com amigos sobre a experiência era: “eles são todos loucos, a começar pelo treinador [Leonardo Ribas] e o auxiliar [Milton Quintana]”. Inicialmente, a “loucura” foi o elemento representativo das coisas estranhas que presenciei no início do esporte e, sem buscar qualquer outra forma de explicar, parecia-me a mais adequada para descrever os comportamentos das pessoas que acabara de conhecer. Era o que significava o desvio da normalidade, do esperado.

Ao longo dos anos, os comportamentos tidos por esquisitos foram deixando de ser chocantes para mim, mas ainda é possível perceber certo espanto por parte de corredores e atletas recém chegados ao clube. Os próprios comportamentos são alvo de brincadeiras entre amigos e colegas.

O que me impressiona é que o *ser louco*, nesses termos, (res)surge como um dos elementos-chave na minha trajetória de pesquisa. Ele tornou-se fundamental no

desenvolvimento do estudo proposto e me levou a repensar meu posicionamento diante das práticas e comportamentos que presenciei durante a pesquisa. No *mundo do rustiqueiro*, ser considerado louco é mais um sinal de pertencimento, embora não tenha apenas esse sentido. Pode ter o sentido de alguém que não segue os padrões esperados dentro do grupo, ou mesmo de um corredor que consegue transcender esses padrões.

O “ser louco” ou “a loucura”, termos comumente relacionados a questões negativas, principalmente como forma pejorativa de transtornos psíquicos, faz parte de um rol de expressões ligadas aos simbolismos da cultura dos corredores. O caso de um dos corredores é bastante elucidativo:

CASO I – A Loucura de Correr

Sr. Valter, 51 anos, corredor de maratonas é um caso típico do grupo. Jogava futebol nos fins de semana quando mais novo. Nessa época, vivia uma vida com dificuldades no interior do Estado. Com 30 anos de idade, casou-se, mudou-se para Porto Alegre, começou “do zero”. Logo conseguiu um bom emprego e foi “crescendo” no trabalho.

V: Comecei a ganhar mais. E automaticamente me tornei uma pessoa sedentária e comecei a consumir muito, porque comecei a ganhar, receber mais salário e eu comecei a gastar mais. E aí eu comecei a ter uma vida sedentária em termos de esporte, eu parei de praticar esportes porque eu viajava muito. Em compensação, eu comia tudo que eu não tinha comido até então.

Com a melhoria das condições financeiras a partir do “crescimento” em seu trabalho, Sr Valter começou a enfrentar problemas de saúde advindos da má alimentação e baixo nível de atividades físicas. Sentiu-se na obrigação de “dar um jeito” na sua vida e procurou auxílio médico. Aproximadamente aos 38 anos, começou a praticar natação e bicicleta ergométrica com objetivo de emagrecer. Logo, começou a correr e experimentou sua primeira rústica. Treinou mais um pouco e entrou em uma maratona. Ele mesmo explica:

V: isso fazem, mais ou menos, uns 10, 12 anos. E aí eu cometi a loucura de querer correr a Maratona. Só que eu me entusiasmei, gostei da coisa. Digo loucura porque isso aí é um vírus que ataca agente e depois que tu começa tu não pára mais. E aí eu comecei a conhecer pessoas. Na SOGIPA principalmente, comecei a conhecer um grupo de pessoas. E aí tu começa a fazer muitas amizades, e aí tu vê que aquilo é uma vida bem mais saudável. E eu comecei a me sentir mais saudável. E quando vi, me dei conta, eu tava correndo maratona, e já estava com setenta e poucos quilos, me sentia bem fisicamente...

então, comecei assim. Eu na verdade caí. Eu caí no “mundo da maratona” porque eu queria começar a perder peso, emagrecer.

No *mundo da corrida a loucura* passa a ser um dos elementos de *identificação* entre os praticantes do *lazer sério*. Os próprios corredores investigados são reconhecidos por sua *loucura* dentro do grupo. *Loucura* que está relacionada a características principalmente reconhecidas de: compromisso com as atividades, que excede limites relativos que se impõem (meteorológicos, físicos, de velhice, etc); de sujeição à sofrimentos (rodagens longas); de descontrole (correndo lesionado, mais do que o planejado, etc.); e, outras características que também são em maior ou menor intensidade encontradas. Essas características diferenciam os corredores dentro do próprio grupo:

W: é que quando você corre... porque as pessoas correm, elas pensam mais ou menos como eu penso, porque elas começam a ter perspectiva, assim como eu quero melhorar o meu tempo, elas também querem melhorar o tempo delas. Ou elas querem correr, ou elas se sentem bem... (Wita, 50 anos)

A *loucura* está intimamente relacionada com a qualidade fundamental do *lazer sério*, a *carreira*. O resultado é o elemento central dessa qualidade que se desenvolve em estágios de envolvimento e conquistas a partir da performance obtida na atividade. No esporte a *carreira* pode ser vista em nível de conquistas dentro do esporte – onde o corredor pode buscar níveis diferentes de participação nas corridas (participar no pelotão de elite) – como também pode ser vista de uma maneira simbólica dentro do grupo (estar entre os melhores corredores do grupo).

No *lazer sério*, quando se fala em *carreira*, se fala em uma “*carreira subjetiva*” que está ligada a uma “*carreira objetiva*” (STEBBINS, 2008a). A *carreira* é evidenciada quando um corredor tem seu prestígio aumentado em sua rede social a partir de seus resultados obtidos no esporte. Uma das formas de entender a *carreira* é pensá-la dentro das qualidades como o “reconhecimento social” a partir da performance no *lazer sério*. Dentro do grupo de corrida, o reconhecimento pode ser, por exemplo, o de “conseguir manter o ritmo” ou “acertar o ritmo”, como falam os corredores.

Um dos corredores entrevistados é reconhecido no grupo por “sempre” correr o ritmo que determinou para a prova. Muitos ficam impressionados pelo fato de que

ele informa o tempo em que vai fazer a passagem de cada quilômetro e, até onde se sabe, nunca errou nessa previsão. De acordo com o corredor, foi uma habilidade que desenvolveu treinando com outros corredores. Um exemplo de *louco* da corrida, ou como diz seu colega corredor “aquele ali tem o espírito do rustiqueiro”.

A *carreira* aparece nas falas dos corredores sobre sua relação com outros corredores mais velhos e mais novos. De acordo com eles, por “levarem a sério” a corrida, começam a diferenciar-se de outros velhos. Como diz um dos corredores “comecei a me superar em cima deles”. E outro, sobre treinar com colegas mais jovens “os mais novos que devem sentir essa vergonha porque eu tô acompanhando com essa idade”. Ao diferenciarem-se de outros velhos, os corredores passam a ser vistos dentro do grupo como referência de uma velhice alcançável para outros em idades menores. Atualizam, portanto, modelos de velhice, realizando uma velhice com características atraentes aos outros corredores:

F: Quero ficar correndo que nem Seu Alves, acho que ele já deu entrevista pra ti. Quero correr que nem Seu Alves com setenta e tantos anos ta aí, inteirão, por que, faz bem? Faz. Isso é envelhecer com qualidade, isso é envelhecer com qualidade (Francisco, 48 anos).

De acordo com os entrevistados, a prática da corrida da forma como praticam tem também forte influência em suas famílias. “Ainda mais pela idade que eu tenho”, fala um dos entrevistados. Muitos dos seus familiares começaram a praticar alguma atividade física a partir da admiração que tem pelos corredores e seus desempenhos nas corridas considerados “fora de série”. Isso significa para os praticantes o reconhecimento de sua prática como algo que lhes confere prestígio, valores altos de participação social e ao mesmo tempo diferenciação dos demais envelhecetes.

A diferenciação os faz únicos, pois nem todos são capazes de desenvolver as atividades que desenvolvem e, principalmente com a qualidade que desenvolvem. Como uma dádiva sobrenatural, um “dom”, “que eu acho que deve ser mesmo um dom, porque se não, todo mundo jogava futebol, todo mundo corria, todo mundo, então... nem todas as pessoas têm a possibilidade de fazer isso aí”.

Ainda, a trajetória de vida dos corredores acaba sofrendo alterações a partir do desenvolvimento dessa *carreira*, mudando seus valores diante das atividades físicas e do esporte:

A: Isso eu posso dizer o que um médico me disse, que todos nos nascemos com um dom. E muitas vezes agente custa a descobrir esse dom. [...]. Eu descobri aos 54 anos através duma doença, eu tive que adoecer pra descobrir que eu tinha esse dom de corredor. E eu tive a felicidade de descobrir, e hoje eu penso que deveria ter descoberto até mais cedo, talvez eu tivesse muito mais troféus do que eu tenho. (Alvim, 67 anos)

A descoberta do próprio “dom” pelo Seu Alvim orienta o corredor a uma nova organização de sua vida que parece apontar para novos projetos, novas formas de *realizar* seu envelhecimento. A mudança na trajetória, especialmente na forma de conduzir-se no desenvolvimento da *carreira* do *lazer sério* demonstram certa tendência dos corredores entrevistados em buscar levar suas atividades de forma semelhante à que levam suas profissões, buscando evoluir, atingir metas, etc.

D: pô tu já/ tu luta pra conseguir uma/ um índice uma performance aí tu atinge aí, tu quer melhorar

D: hoje o regime de treino é hoje maior, agente treina 5, 6 vezes por semana, normalmente 6 vezes por semana. Então, ã, a, tu vai melhorando tua performance vai melhorando, entendeu, e tu vai te cobrando e tu tem que ter um objetivo que é pra não ficar sempre na rotina, que é melhorar tempos, né. Então, isso eu noto que depois que eu comecei a correr e principalmente aqui na SOGIPA, em pista, o condicionamento vai evoluindo (Dário, 49 anos).

Nas *realizações da loucura*, a *identificação* impulsiona corredores a se cumprimentarem nas ruas quando estão treinando e mesmo em momentos em que se reconhecem pelas vestimentas (camiseta de algum evento em que participaram, tênis, corpo, etc.). Mas há alguns elementos que transitam nessa característica do *lazer sério*. De acordo com alguns corredores entrevistados “não tem como não saber que tu és um corredor. Agente conhece, não tem como enganar”. Entretanto, o conhecer nem sempre merece ou percebe o “reconhecimento”. Nem todos os corredores se cumprimentam cordialmente. Em alguns casos, apenas descuido de iniciantes que ainda não estão familiarizados com a cultura, com o que é cultivado. Em outros, a reação de desprezo misturada a um sentimento de injustiça e desvalorização gerado por corredores que, por não levarem “a sério” a corrida, não mereceriam o status de corredores.

Nas entrevistas e conversas informais com os corredores, busquei me aproximar da razão pela qual diziam ter mudado suas trajetórias no esporte. Afinal de contas, a maior parte dos entrevistados apontava “o médico” como razão para

iniciarem na prática de exercícios físicos. Com o passar do tempo, começavam a correr e logo buscavam orientação “profissional” ou “técnica” para desenvolverem suas praticas, especialmente voltadas para as corridas de rua.

Passei então a questionar sobre a razão dessa mudança, o que considerei um indício de *atualização*:

W: Tu cruza uma maratona, cruza a linha de chegada, te sente realizado. Descobriu que tu estás com o dever cumprido e aquilo te lava a alma. É um peso que tu tira. É uma satisfação tão grande. Tu sente uma alegria incomensurável. Então, talvez isso só o tal vírus possa explicar, né? Só o vírus tal esse pode explicar por quê que é assim (Wita, 50 anos).

Um último aspecto que considero importante e não poderia deixar de pensar se volta para o fato de que “aceitar” a “loucura”, ou dizer-se “louco”, implica no próprio reconhecimento de que se está fora dos parâmetros, social e culturalmente. E indica que estão dentro do *mundo da corrida*.

Ao mesmo tempo, concordando com o mesmo julgamento social que os condena à “loucura”, diferenciam-se no *ethos único* por serem os de maior prestígio. Mais uma forma criativa de lidar com seu envelhecimento dentro de um contexto com valores vistos de fora como *transgressores*. Na explicação dada sobre a *loucura de correr*, tendo um dever a ser cumprido, parti em busca do agente que é acusado como responsável pelas *realizações* na trajetória dos corredores: o *vírus* ou o *bichinho* da corrida.

7 O VÍRUS

*“Está chovendo? Não tem importância. Estou cansado? Também não tem importância... Treinei independente de qualquer coisa, até que a força de vontade já não era mais um problema”
(Emil Zatopek apud FIXX, 1977, p.337).*

Muitas vezes os corredores falam no “bichinho” ou no “vírus” para o porquê de levarem tão a sério a corrida na falta de encontrarem uma explicação coerente ou consciente para a prática. A maior parte dos corredores inicia nas atividades sem qualquer pretensão e aos poucos vão se descobrindo como “capazes” ou “talentosos” nas atividades do seu lazer. A descoberta não parte apenas de uma idéia sobre si mesmo, ela surge do reconhecimento de outros, como pôde se ver no capítulo anterior, onde outros “loucos” e pessoas que não fazem parte do *mundo da corrida* vêm como uma distinção honrosa os feitos do corredor. Obviamente, nem sempre adversários demonstram seu reconhecimento, mas a estrutura simbólica do *ethos único* garante a distinção.

Começa então a busca pelo desenvolvimento da *carreira*. A divisão das corridas de rua em categorias para a premiação, por exemplo, permite que os corredores se comparem em relação a outros de sua mesma faixa etária. Isso faz com que eles tenham parâmetros mais “adequados” para se situarem diante de corredores na mesma faixa idade e de seus resultados. “Corrida pra mim era dizer: isso é coisa pra cavalo. E hoje eu sou um dos melhores cavalos que tem na minha idade. Entendeu?”, explica um dos corredores, condensando em sua fala a mudança de valores e de sua trajetória e referência que utiliza para se posicionar prestigiosamente entre seus colegas. Evidência de *atualizações* na vida do corredor.

Essa forma de se colocar faz com que, muitas vezes o resultado dentro das categorias pareça mais importante do que o resultado geral da prova. “Fui muito bem, nas duas maratonas eu tirei terceiro lugar na minha categoria”, exhibe-se Seu Alvim de 67 anos. Com certeza, existem diferenças nas expressões sobre resultados que se utilizam das categorias. Algumas vezes, é reflexo da possibilidade desses mesmos parâmetros serem usados fora do *mundo do corredor*. A família, parentes e amigos, sem entender tão bem qual o significado das categorias nas competições, pode valorizar e reconhecer o “campeão” mais do que ele o é dentro do seu *mundo*. De qualquer forma, o corredor percebe o *potencial* das atividades que pratica e se lança no desenvolvimento de sua *carreira*.

O caso de outro corredor serve para explicar essas *realizações*, os elementos que levam à mudança na trajetória dos corredores no seu lazer e, conseqüentemente, *atualizam* essa trajetória, influenciando significativamente no seu *estilo de envelhecer*.

CASO II – O Vírus explica tudo

Sr. Dário é o sujeito em questão. Trata-se de um homem de 49 anos, casado e com filhos, cabelos grisalhos³⁶. Ele foi escolhido por algumas razões: ter uma idade próxima da aposentadoria, participar dos treinamentos com regularidade, ter um alto grau de capacidade auto-reflexiva sobre as atividades que desenvolve, tanto no trabalho quanto em atividades extra-profissionais. Não fosse o fato de Dário ser um corredor de rua, participante de provas com distâncias que variam entre 10 km (rústicas) e 42,3 km (maratonas), poderia ser considerado um senhor que tem características que ditas típicas de homens trabalhadores em sua idade.

O esporte para Dário se resumia ao futebol nos fins de semana em sua juventude. Conta que começou a sentir seu declínio físico a partir dos 40 anos e isso o levou a procurar atendimento médico. De acordo com ele, sua trajetória mudou após uma visita ao médico que lhe recomendou a caminhada como exercício físico dentro de um tratamento para um transtorno emocional diagnosticado. Iniciou a atividade indicada, caminhando pelo menos três vezes por semana. Com o passar do tempo, começou a correr e de acordo com ele, não parou mais. Procurou um treinador de atletismo e foi um dos primeiros a participar do grupo de corredores

³⁶ Caso já utilizado e referido em trabalho anterior (OLIVEIRA & DOLL, 2009).

pesquisado. “Não sei se tu lembrás, mas era eu e mais uns três aí”, comenta com orgulho. Mas a história não termina por aqui. Dário começou a treinar “de verdade” e começou a participar de diversas competições.

A corrida e todas as atividades envolvidas por ela (competições, treinos, alimentação, encontros, reuniões, etc.) tornaram-se componentes centrais da vida de Dário e isso, em alguns momentos, ele diz que se sente incomodado. Nesse sentido, em conversa depois de um treino, ele comenta com os outros corredores:

D: Tu começa vindo aqui, começa a treinar de verdade... E assim tu vai indo, entendeu? E quando tu vê tu tá: “pô, pera aí um pouquinho cara!”. Eu to correndo desde manhã, tenho musculação duas vezes por semana, desmarquei o compromisso pra poder treinar aí, no inverno. Assim não dá! Se eu fosse guri de vinte e poucos anos ainda, tudo bem.

Continuando a conversa, questionado sobre qual é a sua explicação pra esse fenômeno, ele se rende a uma explicação semelhante à que é dada por outros colegas do grupo:

D: “É o vírus. Quando ele te pega...”.

Vale dizer que Dário já sofreu diversas lesões causadas pelo treinamento. A fala dele em entrevista é bastante elucidativa da forma como ele encara a sua prática de corrida:

D: Mas realmente eu acho que às vezes até fico pensando assim: “pô, mas treinar na chuva? Não preciso me dedicar tanto assim. Aí tá passando dos limites, né?” Tu vê, tá ficando assim como uma obrigação. Às vezes chega quase nesse ritmo, mas eu consigo ainda parar. Eu já tive um tempo aí, no ano retrasado, eu tive desmotivado, sabe? Bah, não tinha assim, sei lá, entusiasmo de vir treinar e, pô tu já luta pra conseguir um índice, uma performance, aí tu atinge, tu quer melhorar diz: “bah, vai ser mais difícil eu conseguir!”. Então tu já desmotiva. “Bah, não vou conseguir melhorar”, e tu já fica desmotivado, né? Isso aí são fases que eu acho que todo mundo passa, mas realmente, agente treina quase que nem um atleta aí ne? Só que em nível mais light.

No grupo, que hoje (2010) conta com aproximadamente 150 participantes, estão envolvidas pessoas como Dário que iniciaram por orientação médica e atualmente treinam regularmente com objetivos diferentes dos iniciais que se voltavam principalmente para a saúde. Assim como os entrevistados percebem a

mudança na sua trajetória, também temem que o mesmo “vírus” acabe por torná-los “viciados” nas atividades, dependentes e vulneráveis a certo descontrole.

As explicações sobre o que é esse tal “vírus” tem como plano de fundo essa possibilidade. De acordo com alguns corredores, uma das faces do “vírus” é a descoberta de que é possível alcançar estados emocionais considerados positivos a partir do desenvolvimento das atividades envolvidas no *lazer sério* em que estão.

C: Porque na hora que você chega no limite, na hora que o corpo começa a liberar endorfina, você entra lá em zen né, você. E é muito legal. Você chega assim [expressão de exaustão]. Depois que você toma aquele banho, chega na sua casa, você é outra pessoa, é incrível (Carlos, 54 anos).

O estado *zen* parece se aproximar do que Csikszentmihalyi (*apud* NAKAMURA & CSIKSZENTMIHALYI, 2002) chamou de *psychological flow*, conceito desenvolvido a partir da observação de um pintor. Ele notou que o artista enquanto estava pintando uma obra se submetia com descaso a consideráveis dificuldades, como fome, desconforto e fadiga até a conclusão da obra. Esse empenho revelava a *psychological flow*. Ao final, curiosamente o artista perdia rapidamente seu interesse na obra, já que estava completa (p.89).

Além de alcançar esses estados emocionais, “sentir prazer naquilo que se faz”, os corredores apontam para benefícios que não se limitam aos espaços das atividades do lazer, mas chegam ao espaço familiar, do trabalho, e outros onde os corredores transitam. Outra das faces do “vírus” expõe traços do reconhecimento alcançável a partir das atividades, a própria *carreira*, que gera nos corredores a ambição chegar o mais longe possível, ou seja, obter o maior reconhecimento social e pessoal *possível* através do seu lazer.

Penso que a abordagem feita por Stebbins (2008a) se aproxima desses “estados” considerados como benefícios para a vida dos corredores. Trata-se dos *benefícios duráveis* ou *premiações externas* (ver Anexo I), que constituem o que o autor chama de “*moeda sócio-psicológica*” do *ethos único*. As *premiações* se dão nas duas dimensões referidas, como *premiações pessoais* e como *premiações sociais*. Mas o *lazer sério* praticado pelos corredores não é feito apenas de momentos de “alegria incomensurável”, para comprová-lo, basta observar os corredores no local de chegada de uma prova. Será possível visualizar alguns chegando exaustos, contentes pelo resultado, outros lamentando por diversas

razões. O que nos dá uma noção da heterogeneidade das experiências dos corredores de rua.

As *premiações* entram em balanço combinados com as tensões, desapontamentos e desgostos que cada participante enfrenta de alguma forma. Como em uma competição, quando os corredores lidam com as diferenças entre as vezes que atingiram seus objetivos e vezes em que não foram exitosos. Portanto, essa *moeda* vai sendo contabilizada com os *custos* e passa a ser a propulsora dos movimentos no *mundo social específico*. Esses movimentos são exatamente as *realizações*.

A ameaça do *descontrole* percebida pelos investigados foi identificada por Robert A. Stebbins que sugere em seus estudos possibilidade de *descontrole* no *lazer sério* aos que percebem e alcançam maior número de *premiações*. Mas sublinha que deve se ter cuidado com o uso desse termo, já que ele não se refere a um descontrole de origem psicopatológica (Stebbins, 2008a).

Penso que a *Psychological Flow* de Mihaly Csikszentmihalyi pode ser considerada uma “chave motivacional” ou como autor também chamou “*experiência ótima*” (1990, apud STEBBINS, 2008a). De acordo com Csikszentmihalyi, ela está relacionada com a intensidade com que as pessoas aderem algum tipo de atividade e está ligada diretamente às recompensas intrínsecas. Porém, é possível relacionar a *premiação* a outras experiências que se dão no campo emocional e social.

Aliando as duas qualidades do *lazer sério* indicadas como fundamentais no capítulo anterior, a de *ethos único* e a *identificação*, que carregam a *loucura*; e, as *premiações*, que se referem às recompensas atingíveis no desenvolvimento do *lazer sério*, é possível olhar para essa “busca” por outra perspectiva. Não se pode esquecer que todas as qualidades concorrem para o desenvolvimento da qualidade central que é a *carreira*. Isso faz supor que se busca alcançar um maior prestígio social através das atividades e nessa busca descobre-se a possibilidade de *premiações* baseadas no seu desempenho.

Olhando por outro lado, podem-se interpretar essas mesmas *realizações* – relativas à busca pelas *premiações* – como uma tentativa de alcançar sentido para a própria existência. Como apresentado nos capítulos anteriores, valores contidos no mundo do trabalho orientam a mudança na trajetória de corredores em suas práticas de atividades físicas, tornando-as um compromisso semelhante aos assumidos no contexto profissional em que estão inseridos. Se analisarmos as exigências culturais

presentes na trajetória de vida dos pesquisados, veremos que posturas de proatividade, empenho nos objetivos e crenças fundamentadas nas possibilidades de mudanças a partir da individualidade são elementos que dão sentido às práticas cotidianas dos corredores investigados.

É possível situar essas relações quando se trata das questões que envolvem os gêneros estabelecidos entre homens e mulheres. Ser o “homem da casa”, quando os irmãos são mais novos ou quando se torna o “chefe de família” exigindo que o indivíduo assuma “poderes” necessários para o desempenho de seu papel, seja de defensor, representante, etc., seja de chefe, provedor, etc. Criado para assumir esse lugar, valores como de coragem, força, energia, posicionado em escalas que passam a ser as metas de vida do homem em questão.

De forma semelhante, “espírito do trabalho” no *lazer sério* (STEBBINS, 2000) assume formas que acabam sendo compreendidas como naturais. Esse movimento entre o “espírito do trabalho” e a “forma natural” é investido de *premiações* presentes no desenvolvimento do *lazer sério* entre os participantes. Então, a descoberta de possíveis *premiações* já buscadas no “mundo do trabalho” por “vocaçãõ” (WEBER, 2004, p.71) “contamina” os corredores com o *vírus*. Ou, melhor dizendo, as semelhanças entre o “mundo do trabalho” e o *ethos único* do *lazer sério* são compreendidas pelos sujeitos como *possibilidades* de *premiação* e de continuidade. Para aqueles que se aproximam da *velhice* e para os que já se encontram nela, essas possibilidades podem ser compreendidas como ampliáveis na medida em que os valores contidos nela podem sofrer alterações em seu trânsito entre os dois contextos.

8 CORRENDO E APRENDENDO: TRANSGREDINDO OS LIMITES

“Tu sabes como é. Pra gente que tá acostumada com a corda no pescoço sempre, a dificuldade não é nada” (Milton Padula Quintana, treinador do Percorrer)

O *ethos único* surge como espaço onde corredores de níveis de *performance* diferentes e idades diferentes interagem, possibilitando a ampliação de perspectivas sociais através do resultado e da visão do *outro* que pratica o mesmo tipo de lazer, contribuindo para uma relativa *resistência* e *superação* dos limites da *velhice* e do *envelhecimento* encontrados na sociedade.

A *transgressão* é a *realização* como meio de superar os limites que se apresentam numa tridimensionalidade de relações: do indivíduo-*self*, onde as *atualizações de estilo* geram *realizações* que se vinculam às possibilidades do *ser velho* de forma inovadora; do indivíduo-sociedade, *realizando* um *estilo de envelhecer* diferenciado, totalmente criativo e original do ponto de vista social; e, do corpo-cultura, onde as *atualizações de estilo* dão conta do envelhecimento e do *lazer sério* num nível de representações do corpo na cultura.

Na relação indivíduo-sociedade, as possibilidades oferecidas aos idosos no campo da atividade física que servem como indicadores que sinalizam o futuro e limitam as expectativas de adultos que se aproximam da velhice. A revisão de Kolland (2007) sobre a relação dos tipos de atividades (especialmente as de lazer) com os determinantes e os efeitos da participação de idosos chega a algumas conclusões que podem esclarecer esse entendimento, sugerindo novos estudos:

- 1) O tipo de lazer escolhido pelos idosos está freqüentemente ligado às

expectativas que a sociedade tem sobre eles.

2) É difícil identificar os elementos que podem indicar se a atividade é complementar ou substituível na vida dos participantes, principalmente quando ela está inserida entre atividades de um grupo. Por isso, são necessários estudos que façam distinção entre um lazer comum, como assistir tv e confraternizar com os familiares, e atividades que assumem uma significação importante para a continuação da vida da pessoa (relativamente insubstituível e não complementar).

3) O lazer é considerado cada vez mais uma área de auto-atualização e auto-desenvolvimento. Isso demonstra que se tem dado cada vez mais atenção às experiências subjetivas do lazer. É necessário dar atenção nos estudos relacionados ao que é considerado como obrigação pelos idosos e ao que é considerado lazer. Para idosos, algumas atividades vistas normalmente como lazer podem em certo momento fazer parte da rotina e em outros momentos ser o próprio lazer.

4) Há a necessidade de se entender um pouco mais da relação entre as atividades de lazer a manutenção da identidade social dos idosos.

No Brasil, é possível perceber algumas tendências mais evidentes em estudos sobre as relações do lazer com o envelhecimento. Essas tendências podem ser reflexos do que se espera de uma pessoa velha, indicando o que é considerado adequado para “o idoso”³⁷. Gostaria de destacar apenas três pontos:

1) Parece haver um consenso de que os idosos possuem bastante tempo livre e este deveria ser preenchido de uma forma adequada, fundamentalmente através de atividades em domínios variados, porém deixam de considerar quão significativas podem ser para eles;

2) Há a idéia de que os idosos não têm o hábito de praticar atividades de lazer (ver, por exemplo, MAZO, LOPES & BENEDETTI, 2004). Essa seria de acordo com alguns autores um reforço aos preconceitos sociais, que favorecem a manutenção da indisposição em buscar as atividades de lazer;

3) Há uma forte tendência a entender a ocupação do tempo por parte dos idosos como sendo fundamentalmente de diversão, recreação e entretenimento – incluindo o voluntariado, o trabalho em grupos de convivência e as atividades desportivas.

³⁷ Aqui utilizo o singular para referir-me ao tratamento dado em situações em que “o idoso” é concebido como um modelo padrão, sendo desconsideradas as múltiplas características dos idosos.

Dentro da dimensão indivíduo-sociedade, também podemos pensar nas questões que aludem às relações intra e intergerações. É possível considerar que essas relações terão influências dentro da dimensão a partir do entendimento de que elas também são alteradas pelas atualizações que se dão nas relações com a sociedade.

Das qualidades apresentadas, a *carreira*, elemento central no *lazer sério* aponta para as possibilidades de um desenvolvimento das atividades em níveis diferentes dos esperados, de reconhecido prestígio e de alternativa para um novo envelhecimento, ou como propõe Guita G. Debert (1999) uma “reinvenção da velhice”. A partir de uma prática de esporte em níveis e condições que divergem do padrão esperado para pessoas mais velhas, se forma uma tensão que vai no sentido de uma *atualização* dessas referências.

J: pois é, eu até disse pro meu pai vir treinar aqui com agente. Ele diz que não tem mais idade. Eu expliquei que tem gente de todas as idades. O Beto, por exemplo, corre muito o cara. Ele é um exemplo pra mim. Com ele eu vejo onde eu posso chegar se eu continuar. Isso é muito importante. (João, 32 anos)

O mais velho passa a ser uma referência, com características desejáveis aos mais novos, o que vai influenciar na relação entre o indivíduo e o seu próprio ser. Começam a se *atualizar* as concepções sobre seu presente e gera-se um desejo referenciado no corredor mais velho em direção ao futuro.

A dimensão *corpo-cultura* se refere à rede de significados onde o corpo do corredor está instalada. Tanto seus gestos, mímicas, posturas, deslocamentos, etc. (LE BRETON, 2009a, p.39), quanto sua própria configuração física – peso, altura, condicionamento, aparência – fazem parte dessa relação. Essa dimensão pode ser pensada em sua relação com o *envelhecimento* a partir dos significados que as representações corporais assumem a partir do *lazer sério*.

No *ethos único* investigado, todos se sujeitam aos *riscos* das atividades³⁸, não importa sua idade nem suas condições físicas. Isso faz com que os corredores mais velhos se sintam em iguais condições na comparação com os mais novos. As configurações do corpo os identificam como mais velhos (rugas, cabelos brancos, etc.), porém em suas percepções expressas isso é irrelevante quando a *performance* que são capazes de apresentar tanto em corridas quanto em

³⁸ Riscos descritos anteriormente no Capítulo “Ironia: brincando com a seriedade dos riscos” (p.48).

treinamentos supera expectativas sociais, dando conta das necessidades de desenvolvimento de sua *carreira*.

As três dimensões ajudam a aproximação de outra qualidade do *lazer sério*, a *aquisição de habilidades*. O *esforço* ou *aquisição de habilidades* é o que alimenta a *carreira* e é baseado na aquisição de conhecimentos, habilidades e treino. O treinamento é considerado essencial para a prática da corrida. Sem ele, o resultado esperado nas provas é percebido como praticamente impossível pelos corredores.

O envelhecimento para os corredores pesquisados tem múltiplos lados, sendo percebido em alguns aspectos como positivo, um momento em que podem “aproveitar os prazeres da vida” e, em outros como negativo, sendo um limite que não os deixa “fazer o que a cabeça quer”. Esses pólos de negatividade e positividade variam em intensidade chegando a extremos que se expressam em tons de raiva ou mesmo de indiferença.

O envelhecimento no olhar proposto neste estudo se afasta de uma visão biologicista presente em outras propostas (NETTO & BORGONOV, 2002). Pretende-se aqui olhar para um desenvolvimento que envolve as relações sociais e culturais dos sujeitos. NERI (2008) com esse olhar, apresentando uma perspectiva que contempla o curso de vida e o desenvolvimento ao longo da vida. Nessa perspectiva são apontados a presença de três pontos importantes que resumem uma visão de envelhecimento como:

- 1) uma seqüência de mudanças previsíveis, de natureza genético-biológica, que ocorrem ao longo das idades e, por isso, são chamadas de mudanças graduadas por idade.
- 2) uma seqüência previsível de mudanças psicossociais determinadas pelos processos de socialização a que as pessoas de cada coorte estão sujeitas e que, por isso, são chamadas de influências graduadas por história.
- 3) uma seqüência não previsível de alterações devidas à influência de agendas biológicas e sociais, que por isso são chamadas de influências não-normativas. (NERI, 2008, p.69)

A percepção do envelhecimento é expressa no que se referem ao desenvolvimento das atividades do *lazer sério* dos praticantes investigados. Ao mesmo tempo em que percebem esses limites, se apresentam como responsáveis e capazes de pensar em soluções para amenizar ou mesmo neutralizar suas

diferenças diante dos mais novos ou de condições que se encontravam anteriormente:

D: Por exemplo, o Leonardo que é o treinador, ele bota lá, fazer um tiro de 200m e trotar 200, a 40 e/ a 40 segundos esses 200 de tiro, eu faço com outro parceiro que é bem mais novo que eu, faço esse mesmo tiro, mas derrepente, eu vou precisar nesses outros 200m mais tempo de recuperação, entendeu, ou o treino muito intenso, que agente treinou pra maratona, fez aí tiro de 5 quilômetros, 4, 5, 3, 4 tiros de 5 quilômetros cada um, rodou aí 15 quilômetros numa noite entendeu, no outro dia derrepente eu precisaria mais de recuperação, um dia a mais de recuperação do que outro mais novo, isso tem que ver. Essa diferença assim, né? Para o treinador, não tem como ele mensurar, entendeu? Isso aí, porque eu acho que cada um sabe aonde aperta o sapato, né, se aqui ta forte pra ti tu pode diminuir ali, entendeu. (Dário, 49 anos)

Embora o desenvolvimento das *habilidades* tenha como objetivo principal proporcionar ao praticante do *lazer sério* uma maior qualificação para o desenvolvimento da *carreira*, mas projetam seu impacto para além da área abrangida pelas atividades relacionadas, atingindo e influenciando a vida cotidiana dos corredores. Esses aspectos acabam dando a essa qualidade especial vínculo com o envelhecimento dos corredores.

A: No esporte... no esporte eu aprendi a conviver de uma forma bem melhor com a família, com os amigos, a ter paciência, não brigar com ninguém, no esporte hoje eu tenho uma vida feliz com a família, com meus filhos, uma vida tranqüila assim, dificilmente eu me irritar, dificilmente, não tem, muita paciência. (Alvim, 67 anos)

Stigger (2009) chama a atenção para a articulação que há entre o lazer, a cultura e a educação, levando à reflexão sobre a importância de considerar o lazer como uma dimensão que não está separada de outros “processos educativos que fazem parte da vida cotidiana”. Os corpos envelhecidos carregam os valores culturais da *velhice* e do *envelhecimento* de nossa sociedade e acabam rumando à um conflito inevitável com os simbolismos contidos no esporte e especificamente na corrida. Não há compatibilidade nos valores e, por isso, gerando novas tensões. No campo investigado, duas tendências foram encontradas. A forte tendência de uma reformulação da *velhice* no sentido de conceber um *novo velho* com as capacidades valorizadas, mesmo que algumas delas tenham sofrido algum declínio, e capaz de desenvolver atividades que mediam sua busca por sentidos que dão para suas vidas.

Outra tendência encontrada é a de *antivelhice*, onde os corredores se sentem capazes de evitar ou confrontar a *velhice*. Ignorando-a, treinando e comparando-se com mais novos, “fazendo o que eles fazem”, afastam-se da *velhice*. “Eu sou jovem, porque eu faço tudo que eles [jovens] fazem. Quer dizer, eu até não faço, mas porque eu não quero”. Ainda de acordo com os corredores, sua disposição e capacidade de desenvolver as atividades envolvidas na corrida demonstram seu afastamento da *velhice*, pois conseguem desenvolvê-las tão bem quanto os mais novos. Não é possível diferenciá-los “a não ser pela idade” ou “por precisar de mais tempo de recuperação entre os tiros”.

Outro ponto forte que surge entre os entrevistados é a individualidade, expressa na capacidade de “dar um jeito na vida”. Essa individualidade é reforçada por reflexões sobre a compreensão de si mesmo na prática da corrida:

C: *Ah, sim, o cara se esconde. A corrida não cara. Na corrida você se propõe a correr uma maratona é só você com você ninguém vai te carregar no colo, mas vai...[risos]. Então isso que é, você se supera, por incrível que pareça, nós não conhecemos quem nós, quem, assim, existe uma pessoa dentro de vocês, dentro de você, não levando na sacanagem, porque todo mundo leva parece na sacanagem, mas existe uma pessoa que você desconhece que é uma pessoa que consegue superar...superação... você se supera às vezes e você não consegue entender isso numa situação normal. (Carlos, 54 anos)*

Na ambivalência encontrada no *ethos único* observado, individualidade e coletividade são dois conceitos interdependentes. Ao mesmo tempo em que corredores necessitam se ajudar na prática das atividades, fato reconhecido entre os corredores, competem entre si em “uma competição saudável”. Essa cinestesia presente no grupo é percebida na *identificação* a partir da “seriedade” do lazer. Acabam compartilhando momentos de adversidades que os fazem cúmplices, ao mesmo tempo em que contribuem com *premiações* individuais e pessoais:

W: *Você tem um grupo de pessoas praticando esportes, correndo com chuva, correndo com vento, correndo com frio. Então, ele não se importa, ele não se entrega fácil [o corredor]. Fica uma pessoa mais resistente. Eu acho que essa é a grande lição que a corrida nos dá. (Wita, 50 anos)*

A *aquisição de habilidades* fica também exposta nessa declaração acima, demonstrando não só a necessidade de desenvolver as habilidades requeridas para a corrida (resistência, por exemplo), mas também necessárias para a manutenção da *identificação*. O sentimento e os sentidos de ser capaz individualmente e

“caminhar com as minhas próprias pernas” se opõe a outros que exaltam a união e a amizade presentes no grupo. Na relação com corredores mais novos, os investigados parecem não querer trair a “vocação” fortemente internalizada de ensinar aos mais jovens, aconselhá-los e “ajudá-los”, como diria um dos corredores “a chegar na minha idade”, ou mesmo, “respeitá-los para que me respeitem”. Concordando com a existência de declínios, mas não conformados e nem menosprezando suas capacidades, assumem que “*Isso é típico da idade. Com a idade tu vai perdendo rendimento*”. Mas ao mesmo tempo, retoma-se a igualdade e a necessidade dos outros no discurso sobre um *mundo* onde “tanto eles nos ensinam como nós ensinamos eles”.

Dentro de um *mundo* construído especificamente a partir das práticas dos entusiastas da corrida, não se pode dizer que todas as manifestações relativas ao *envelhecimento* contribuem para uma visão mais “positiva” da *velhice*, tornando mais favorável a experiência por parte de pessoas mais velhas. Essa relação fica evidente pela concepção de “mundo construído”, construído a partir dos relacionamentos entre os praticantes do esporte. Contudo, esse espaço de observação me leva a crer que mesmo encontrando limites para a *carreira do lazer sério*, a *velhice* não é considerada “a culpada”, pelo contrário, é encarada como parte de um processo onde estão envolvidos por serem humanos. Indicações de que o envelhecimento é visto como universal.

“*Cada vez que eu corro, eu me torno mais humano*”, afirmou um dos entrevistados. A noção de “ser humano” dos corredores a meu ver manifestou-se nas expressões onde traziam a questão da *igualdade*. Mesmo que em muitas vezes essa “igualdade” trouxesse tanto no envelhecimento quanto em outras questões benefícios para eles mesmos, em certa medida ela era vista como um aprendizado comum aos participantes. Diria que o “se tornar humano” é uma manifestação dos participantes – e essa me causa curiosidade sobre seu vínculo de exclusividade ou não ao *lazer sério* – que envolve o *envelhecimento* no sentido em que ela se torna uma expressão de “tolerância”.

A tolerância, ou mesmo sua ausência, teria uma ligação íntima com a igualdade no momento em que elas significam aceitar o “outro”, o corredor ou treinador com quem se constrói os relacionamentos. Essa aceitação é parte do próprio relacionamento, “permeado por noções de flexibilidade, consequência, transcendência e temporalidade”, na perspectiva de Paulo Freire (2006, p.30).

“Aceitar o outro” em suas características peculiares é um valor humano presente e contribuinte, especialmente no *estilo de envelhecer* dos corredores no sentido de considerarem e serem considerados semelhantes. Sendo mais humano, eu envelheço também, considero o “outro” igual e, portanto, torno-me mais tolerante, mais próximo, considerando suas potencialidades e limites de forma favoráveis às suas experiências no envelhecimento.

A *velhice*, na liquidez negativa em que está imbuída no “mundo do trabalho” é superada em *realizações* (práticas) desses corredores, melhor dizendo, é superada pelas *atualizações* em função do *lazer sério*. Nas relações entre os corredores são construídas dinâmicas que promovem a melhoria de suas condições de envelhecimento a partir da performance no esporte e das relações psicossociais que ele promove.

9 “SANGRANDO”: SOFRENDOS COM OS QUE ESTÃO BEM

"To give anything less than your best is to sacrifice the Gift"

*“Dar qualquer coisa a menos do que o seu melhor é sacrificar o dom”
(Steve Prefontaine, PMC)*

A última razão de estranhamento que me acompanhou durante a trajetória inicial no atletismo era a inexistência de algumas diferenciações que considerava necessárias entre atletas. Espantava-me a convivência de atletas iniciantes com atletas de altíssimo nível – principalmente, Luciane Dambacher e Fabrício Romero do salto em altura, e, Gisele Oliveira do salto em distância – que estavam ali ocupando e compartilhando do mesmo espaço de treinamentos. Imaginava que existia uma separação de acordo com o nível de resultados dos atletas.

“Pra correr bem tu tem que correr com os bons” justificava um dos melhores fundistas na época, confirmando a fala de outros corredores sobre a necessidade de estar junto com corredores melhores para conseguir chegar a níveis mais altos de desempenho. Se para atletas a convivência com seus pares em diferentes níveis de desempenho é uma razão importante de desenvolvimento no esporte, entre os corredores mais velhos a lógica se repete.

Criam-se formas de se aproveitar o potencial desse relacionamento no grupo indicadas novamente pelas *realizações*. Na linguagem que o grupo vai desenvolvendo, surgem metáforas que vão sendo apropriadas em seus sentidos, duram períodos que variam (dias, semanas, meses ou anos) de acordo com o reconhecimento do grupo e tem assumem diferentes níveis de difusão (grupo, grupos de configurações semelhantes, corredores da região, etc.).

O “sangrar” foi um dos sentidos presentes no *ethos único* ligado ao envelhecimento. É uma expressão basicamente utilizada para as relações de superação entre os corredores, durante treinos ou competições. Está presente na conversas como uma forma de provocação “amistosa”. Um exemplo pode ser pensado quando um grupo está em treinamento e um dos corredores começa a *puxar* mais forte que o ritmo ou no ritmo certo, mas o resto do grupo não consegue acompanhar. Depois do acontecimento, o corredor que puxou brinca com os colegas “Sangrei vocês todos!”.

Outras duas situações podem ser pensadas. Uma é quando o corredor conta que “O Zé vinha querendo me sangrar, eu só vi a adaga...”, referindo-se à possibilidade percebida de ser vencido por outro corredor que vinha, de acordo com seu ponto de vista, tentando superá-lo e com condições potenciais. Outra situação é quando se ouve a exclamação “Sangra ele!” dita para algum dos corredores durante o treino pra incentivá-lo à superação do outro ou apenas para “brincar”.

Um dos corredores diz que encontrou “base” para utilizar ainda mais a expressão “sangrar” quando leu um cartaz onde estava escrito algo como “Eles podem até me ganhar, mas para isso, vão ter que sangrar”. De acordo com o corredor, a frase era atribuída a Steve Prefontaine, corredor americano da década de 70, famoso nas provas de meia e longa distancia, dando legitimidade para a expressão.

Ao final dos treinos ou em rodagens onde, pelo ritmo menos intenso os corredores podem conversar, as *metas* das atividades começam a ser ajustadas de acordo com o “sangrar”. Corredores discutem quem está “bem”. *Estar bem* significa estar em um período que se consegue cumprir com as exigências do treino e, em muitas situações, ultrapassar as estimativas facilmente. Esses que estão bem acabam tornando-se as referências para os outros corredores do grupo que passam a tentar acompanhá-los “sangrando”, no sentido de esforçarem-se, sendo “sangrados”, no sentido de serem “cruelmente expostos” diante da superação pelo que “está bem”, buscando “sangrar”, no sentido de superar o corredor referência. “Fazer sofrer” é uma expressão que se aproxima, fosse possível resumir em poucas palavras o significado do termo “sangrar”.

Mas como no ditado popular “um dia é da caça, outro do caçador”. “Estar bem” dura um período, não é um estado permanente, embora possa durar por tempos relativamente longos. Os corredores participam simbolicamente de um *jogo de*

perseguição onde a vez passa entre cada um que, a cada rodada, assume participações diferentes. Em um momento perseguem, em outro são perseguidos, a interdependência toma forma. A metáfora do “sangrar” não deixa de ser uma forma de percepção desse *jogo* por parte dos corredores e uma forma de lidar com os altos e baixos de sua *carreira*.

Um corredor “menos perceptivo” ou não familiarizado às “regras do jogo” pode acabar exagerando em suas *gozações* com outros colegas, aproveitando um momento em que “está bem” para manifestar atitudes de superioridade sobre os outros. Porém, certamente irá “pagar” pelas ações e atitudes em medidas que podem exceder a proporcionalidade de suas “brincadeiras”. A reação de outros corredores à contravenção pode levar o infrator à exclusão mesmo que temporária, exigindo dele algum tipo de retratação ou ao afastamento total ou de uma parte dos participantes do grupo. Por isso, sempre há o cuidado entre os corredores no sentido de não exagerar, pois “num dia agente tá em cima, noutra agente tá lá embaixo”, como explica um deles.

Essa cinestesia presente no grupo é percebida na *identificação* a partir da “seriedade” compartilhada do lazer que os faz cúmplices em momentos de dificuldades que enfrentam. Essa metáfora, que *materializa* a relação dos corredores com as instabilidades que enfrentam nas atividades do *lazer*, indica *atualizações* no sentido de contribuir para o desenvolvimento de um *estilo de envelhecer* que é capacitado por experiências no *lazer sério*, como lidar com esses tipos de risco.

10 MANTENDO-SE NA CORRIDA: NO FIO DAS MUDANÇAS SIMBÓLICAS E “VOLTANDO”

*“Mas tu vai te rebentar porque tu vai começar a fazer cada vez mais, tu te sente bem fazendo aquilo, tu vai a mil que nem um louco até que uma hora tu estoura, isso é normal”
(Corredor em explicação sobre o porquê das lesões).*

O *estilo de envelhecer* vai se configurando a partir das dinâmicas manifestas pelas ambivalências presentes, tanto no “mundo do trabalho”, quanto no “mundo do corredor”. Como visto até aqui nas discussões, os valores contidos nessas ambivalências podem contribuir ou não para uma promoção da *velhice* na sociedade. As *realizações* dão conta de promover o *lazer sério* em primeiro lugar, mas, de qualquer forma, essa promoção é vista como promoção pessoal através do prestígio e outras formas de reconhecimento social.

Olhando novamente para as teias simbólicas, é possível perceber que o impacto das *atualizações* nesse *estilo* é mais forte do que intervenções com alto grau de *potência* sociocultural. No próximo caso, proponho apontar *realizações* que indicam alguns significados desse *complexo* que sofrem alterações em função do comprometimento e do sentido presente nesse compromisso com as atividades do *lazer sério*:

Caso III – Lesão Saudável

Os corredores do grupo pesquisado explicitam uma forte confiança nas prescrições médicas que receberam ao iniciarem as primeiras práticas de atividades físicas. Nas falas, a autoridade de profissionais da saúde, especialmente a dos

médicos, é dada como referência e justificativa, tanto para o início da prática das atividades quanto para o desenvolvimento do *lazer sério* em que estão envolvidos.

Ao falarem sobre qualidade de vida e saúde, percebe-se uma mudança de valores relativos à qualidade de vida ocorrida na trajetória desses sujeitos. Durante o acompanhamento de um dos treinos na Sogipa, vi que um dos corredores havia saído durante uma sessão de tiros e sentado em um banco que fica próximo à pista de atletismo.

Aproximando-me, perguntei-lhe o que havia acontecido. Prontamente passou a me contar toda sua história. Iniciou dizendo que a lesão já era antiga e que tinha voltado a incomodar. Lamentava que isso estivesse ocorrendo a poucos dias de uma competição, fato que poderia impedi-lo de participar do evento. Contando-me a história da lesão, enfatizava que ela tinha lhe surgido no ano anterior quando estava treinando muito bem e pronto para uma competição importante. Também dizia que o médico havia recomendado que “ficasse parado” durante um tempo para sua recuperação.

Durante a fala, o corredor fazia referências a outros corredores que tinha apresentado o mesmo tipo de lesão em situações semelhantes. Esses corredores dos quais ele falava estavam entre os com melhores nas provas da temporada ou eram colegas que tinham um desempenho ou atuação exemplar. Dias depois, estive na corrida de rua e, não me surpreendendo muito, encontrei o lesionado cruzando a linha de chegada. Logo que passou a linha começou a mancar e fazer caras feias, fazendo questão de que seus colegas o vissem daquela forma.

Os corredores que sofrem alguma lesão³⁹ freqüentemente continuam na atividade se não forem impedidos, mesmo quando a melhor opção seria o afastamento ou uma adequação da atividade durante o período de recuperação. É comum que esse período seja prolongado em função da permanência dos corredores nas atividades, mesmo sendo orientados, como rodagens em distâncias e velocidades excessivas que são feitas individualmente. A aflição de estar afastado das atividades ou mesmo de uma mudança no treinamento é percebida como um risco maior do que os associados comumente à lesão.

³⁹ Algumas lesões comuns aos corredores, como tendinites, distensões e contraturas musculares.

O caso acima serve para explicitar o impacto das *atualizações* que geram novas formas de resolver problemas. Essas *realizações* reavivam as discussões sobre os conceitos de saúde. Afinal de contas, a mesma atividade que produz benefícios reconhecidos socialmente e importantes para o praticante, também é a causa de lesões – essas lesões podem significar prejuízos, no caso do afastamento, ao mesmo tempo em que dão ao praticante o sentido de “estar à altura” do desafio de correr seriamente.

Mesmo com orientações fortemente enraizadas, tanto no social, quanto no imaginário das pessoas, símbolos que são confrontados em suas ambivalências nos dois contextos, sofrem tensões e modificações. Mesmo o discurso médico, altamente valorizado e decisivo na sociedade, tem no *ethos único* seu sentido alterado a fim de satisfazer as demandas das relações no *lazer sério*.

Na possibilidade de afastamento, o *risco* volta a entrar em cena. Existe a negação do perigo das lesões que se expressa na forma de uma simulada indiferença. Além dessa forma, se expressa o que Christophe Dejours chama de “ilusão do controle” (DEJOURS, 1993 *apud* LE BRETON, 2009, p.18), na qual os corredores negam o perigo para manterem-se nas atividades.

De forma semelhante aos trabalhadores em suas atividades, os praticantes do *lazer sério* aqui estudados evitam ao máximo o afastamento, há não ser em casos que desejam “dar uma folga pra cabeça”. Nesses casos, o afastamento dura o tempo que o corredor necessita para resolver-se em suas questões e as razões variam. Dentre as razões, lesões que “são coisas da cabeça”.

Nos casos de uma lesão “física” ou de uma lesão “coisa da cabeça”, o corredor percebe que se encontra em uma linha tênue que, ao romper-se, pode desligá-lo do seu *mundo*. São criadas então diversas formas de sustentar essa sua posição.

A dinâmica que envolve as mudanças simbólicas entre contextos diferentes gera nos corredores do *lazer sério* necessidade de manterem-se ligados às redes de significações vão se configurando. Nesse sentido, o praticante começa a orientar sua vida num complexo de adesões e recusas, onde o envelhecimento terá seu lugar como um conjunto de nós dessa rede.

Durante os enfrentamentos que os corredores vivenciam no desenvolvimento de suas atividades, buscam no seu *ethos* recursos para superarem os desafios. Num jogo de significados que se confunde com o corpo físico e sua diferente forma de materialidade, corredores em seu envelhecimento se confrontam com situações

que podem dar fim ou mudar sua trajetória no lazer. Ao final do confronto, nem sempre vencem.

Àqueles que experimentam a *possibilidade* de serem valorizados, num movimento semelhante ao que necessitam executar no mundo do trabalho profissional, surgem dificuldades para lidar com situações percebidas como notavelmente arriscadas. O afastamento das atividades está geralmente ligado à “saúde” dos corredores que, em suas *realizações*, indicam criativas formas de buscar resolver dificuldades, como as de lesões exemplificadas no capítulo anterior.

Essas dificuldades quando extremadas podem significar o encerramento da *carreira*, um risco que não parece ter solução, principalmente se comparado ao afastamento do trabalho profissional onde significa para os trabalhadores a temível e temida inutilidade. As considerações de Le Breton (2009) ajudam na reflexão sobre as relações entre o *risco do lazer sério* e o impacto destes sobre os corredores:

A aflição com o desemprego leva os assalariados a apegar-se a um trabalho, mesmo conhecendo seu efeito nefasto sobre sua saúde ou os riscos de acidente que correm ao executá-lo. Mas voltar a estar desempregado é percebido como um risco maior, cujo temor se subordina a outros valores (LE BRETON, 2009, p.18).

Há um exemplo publicado em um artigo de uma revista voltada ao público específico de corredores. O artigo tem um sugestivo título: “Relargada”. No texto se conta a história de um corredor que tem 81 anos de idade e é conhecido como “Lata Velha”. Ele participa de um grupo de corredores regularmente, mas acaba sumindo. Os colegas ligam procurando e nunca o encontram até que um dia conseguem falar com ele. Fato é que corredor foi proibido de continuar pelo seu médico que diagnosticou uma osteoporose crônica. A esposa, percebendo que o marido não ia acatar as ordens, decidiu impedi-lo de continuar a participar dos encontros do grupo.

Depois de uma discussão com a participação da esposa, do “Lata Velha” e do grupo, segue o trecho:

a ver seu próprio exército trocar de lado e capitular, Lata pediu a palavra e se rendeu aos cuidados da esposa. Foi quando, vinda lá do fundo, uma voz tímida se fez ouvir. Que parasse de correr, já que sua saúde assim o exigia, mas que não abandonasse as corridas. Havia outras coisas que ele podia fazer sem se prejudicar. Usar sua experiência para ajudar na organização das provas, planejar as viagens de competição ou cuidar da tesouraria da equipe eram

algumas sugestões (DEDERICH, 2009, p.82).

O corredor se tornou assistente do treinador, mantendo-se ainda envolvido com o grupo. Essa pode ser uma relação importante entre a resolução de um problema na vida do corredor e a manutenção de seu pertencimento ao *ethos*. Lembrando de minha experiência como corredor, é difícil imaginar-me vivendo afastado do contexto esportivo, especialmente das corridas. Talvez tenha uma pequena idéia do que é ser afastado das atividades de forma forçada por limitações físicas relacionando os tempos de afastamento que sofri em consequência de lesões. Mesmo nessas situações de lesão, o afastamento das atividades não era total.

Robert Stebbins (2008b) identificou três principais alternativas que podem levar um indivíduo a abandonar uma atividade de lazer em particular. A primeira é a decisão consciente de encerrar a atividade. A segunda é quando o praticante da atividade é forçado a abandonar por circunstâncias externas. E a última é quando o praticante vai se afastando da atividade perdendo seu interesse aos poucos.

Na vida de corredores, a segunda alternativa, de abandono forçado, começa a ter mais chances de ocorrer com a incidência de lesões físicas geradas pelo treinamento. O impacto das consequências a partir desse abandono é imprevisível até certo ponto. A questão do abandono pode ter uma maior relevância no envelhecimento ou na velhice.

Uma estratégia importante de idosos que foram forçados a abandonar sua atividade é apontada em estudos no contexto esportivo. Em um estudo ainda em andamento, por exemplo, Luciano Von Der Göltz investiga as dinâmicas dentro de um grupo de remadores na cidade de Porto Alegre, especialmente sobre as formas de lidar com a velhice. Na pesquisa há a descrição de um idoso que, por ter ser impedido de remar por orientação médica, continua participando dos encontros do grupo, sendo respeitado por sua experiência no esporte.

Uma *realização* observada entre os corredores carrega um simbolismo que dinamiza parte dessa relação entre as mudanças de trajetória no esporte – vinculada especialmente com o desenvolvimento da *carreira* – e o encerramento das atividades. Considerando as semelhanças anteriormente propostas, essa *realização* manifesta o desejo de continuar a ser um participante do *ethos único*. Expressa seu posicionamento diante do *habitus* cultivado entre os corredores, afirmando-se nas teias que dão sentido para seu viver.

Entre os corredores investigados e notadamente entre outros corredores encontrados em competições o “estou voltando” é comum. Essa expressão remete à necessidade que os corredores têm de justificarem qualquer prática ou atitude que não esteja de acordo com o que acreditam ser esperado deles pelos outros colegas. Quando necessitam afastar-se das atividades temporariamente, sentem-se na obrigação de voltar a desempenhar seu papel dentro do mundo no qual que fazem parte.

O “estou voltando” serve para confirmar suas intenções. De voltar a correr tão bem, ou melhor, do que corria; de manter-se treinando com a seriedade devida; de cultivar os valores, a partir de suas práticas, do *mundo do corredor* do qual faz parte. Em suma, o “estou voltando” dito por muitos corredores, sinaliza o interesse de manutenção de seus lugares no mundo social do qual são participantes. Em último caso, busca-se outra ocupação, evitando-se o abandono total.

Essa é uma forma que os corredores encontram de manifestar seu compromisso com a prática da corrida diante dos “altos e baixos” que enfrentam. Assim como outras *realizações* apresentadas, não são específicas do envelhecimento, mas acabam criando vínculos e se tornando relevantes nessas relações.

CHEGADA: APRENDENDO COM AS REALIZAÇÕES

Um novo estilo de envelhecer pode ser observado a partir das considerações feitas até aqui. A apresentação desta investigação é pensada de forma a oferecer ao leitor a descrição de um percurso e uma série de acontecimentos ocorridos durante ele, semelhante aos de uma corrida. O objetivo desta “corrida” é compreender, como um grupo de corredores sérios na faixa entre 45 e 60 anos percebem a sua prática esportiva e seu processo de envelhecimento.

A *ironia* é o primeiro aspecto apresentado, representando o enfrentamento do desafio de correr. Ela se refere às formas criativas de enfrentamento aos *riscos* presentes na corrida. Esses *riscos* são os existentes nas atividades que desenvolvem (lesões), diante de outras pessoas e da sociedade em geral (ridicularização, etc.), na relação entre os grupos que participam (perder uma seqüência de competições por equipes).

Essa forma de *realização* reflete uma curiosa resposta às demandas do *lazer sério* e do envelhecimento dos corredores e coloca em evidência um mundo diferente, o *mundo dos corredores*. Repleto de símbolos e valores ambivalentes, esse é o espaço onde loucos insistem em correr em condição climática e físicas muitas vezes desfavoráveis, e em transgredir padrões sociais e culturais de velhice e envelhecimento. São *realizações* de corredores que levam “à sério” a corrida e configuram novos estilos de envelhecer.

Nesse *mundo*, a linguagem é bastante típica e, assim como a linguagem em outros contextos, vai assumindo formas e características próprias ao longo do tempo. A brincadeira, expressa em formas irônicas de gestualizar, falar e se mover é mais do que uma forma de enfrentar os *riscos* nas atividades.

É uma forma de expressar reconhecimento profundo dos *riscos* assumidos, encarando os desafios com o sentimento de que o máximo que podem oferecer é apenas o esperado. A brincadeira diante da largada da prova pode até servir como recurso para aliviar a tensão do momento, mas faz com que a realidade seja refletida e colocada frente a frente com as *habilidades* desenvolvidas até o momento.

Nada escapa à *ironia* do *mundo dos corredores*. Embora as falas sejam sempre em tons irônicos, as discussões variam em graus de “seriedade” entendida pelos interlocutores dentro de uma curiosa e complexa forma de comunicação. A *velhice* é um bom motivo e excelente assunto para gerar brincadeiras durante os treinos. Nessas brincadeiras, a *velhice* é encarada e se demonstra a ciência de uma grave tensão existente no *mundo dos corredores*.

Essas características fazem com que os corredores sejam considerados *loucos*. Ser *louco* é mais do que uma *identificação* dentro do *mundo do corredor*, significa assumir um lugar nesse contexto e, portanto, estar de acordo com os valores cultivados. A *loucura* passa a ser uma forma de superar os limites, uma transgressão dos referenciais da sociedade. Para o envelhecimento, um rompimento com a *velhice* esperada. Outro desses valores é fundamental: o desenvolvimento da *carreira*.

Depois de enfrentar a largada, o corredor precisa ajustar sua forma de correr, seu ritmo de acordo com a marca que deseja fazer. Com objetivo de conseguirem alcançar a marca desejada, a vida dos corredores sofre alterações em diversas dimensões. Tem seus treinos alterados, mudam suas vidas em função dos compromissos e das atividades que envolvem a melhoria de suas performances. Isso os faz loucos, afinal de contas, não poderiam ser considerados “normais” com suas práticas “insanas” como: correr na chuva, num domingo de manhã, num sol escaldante, etc., ou ainda, lesionados.

Uma *loucura* da qual só os “corredores de verdade” têm o direito de serem chamados. Esse elemento não só se vincula ao envelhecimento dos corredores como também faz pensar de que forma funcionam essas *realizações* entre eles. As lembranças de tempos em que não levavam “à sério” a corrida, faz com que os corredores apontem para as razões de interesse nas práticas do *lazer sério*.

Durante o percurso da corrida é possível, ao corredor, lembrar de experiências anteriores que ajudam a dar sentido para o presente. O *vírus* é

apontado pelos corredores como a razão do início de tudo. Não o início da *realização* simples e casual da corrida, mas a sua *realização à sério*. Antes, a maior parte deles fazia o esporte “como todo mundo faz”, depois que o “vírus” os atinge, passam a fazer “à sério” as atividades. Fica evidente que os corredores perceberam formas de *premiações* no *lazer sério* e esse foi um dos motivos de mudança na sua trajetória. Essas *premiações* foram consideradas interessantes por dois motivos principais: serem alcançáveis dentro de suas capacidades e limites; se constituírem meio de valorizar suas orientações de vida.

O que aconteceu foi que, “descobrimo” essa forma de *realização*, os corredores reformulam o sentido que dão para suas vidas, conferindo ao *lazer sério* um lugar semelhante ao do seu trabalho. Atualizam os símbolos e as formas de praticar as atividades, buscando atingir metas, melhorar a performance, etc. Essa lembrança do que os diferencia e valoriza, justifica em parte sua *loucura*. Mas a corrida continua e, mesmo com as lembranças que os ajudam, há muitos desafios e limites que se impõem aos corredores no percurso da prova.

A vontade de vencer, a aflição de negociar o resultado com as *habilidades* que desenvolveu, faz com que os corredores escolham entre muitas alternativas a que consideram adequada. Algumas escolhas nem sempre estão de acordo com as regras, outras se situam em uma linha tênue entre o “imoral e o ilegal”.

A *velhice* que se aproxima dos corredores, que levam “à sério” a corrida, é encarada de formas diferentes, embora tenha sentido de limites para todos. Esses limites aparecem a partir da observação das propostas de atividades comuns às pessoas mais velhas. São propostas que indicam uma *velhice* diferente da que os corredores desejam e na qual se vêem. Para uma parte deles, ela carrega limites que pesam aos que correm e devem ser evitados ao máximo. Para outra parte, sinal de que estão melhores do que o esperado, sendo valorizados ainda mais.

Mas a interação que há entre corredores de diversas idades no *mundo dos corredores* gera eficazmente um sentido de valorização e *atualizam* os sentidos do envelhecer. Corredores mais novos passam a ver os mais velhos “com outros olhos”. Reconhecem-nos principalmente por serem “diferentes” e os colocam como referência para o seu envelhecimento.

Outra limitação que vai se aproximando dos corredores se refere à *aquisição de habilidades*. Os corredores mais velhos percebem dificuldades que encontram nas atividades e as formas com que vão aprendendo a lidar com isso. Embora o

objetivo principal dessas formas seja o desenvolvimento do *lazer sério*, elas têm impacto sobre outras dimensões da vida dos corredores. Uma forma de lidar com as dificuldades e diferenças está no considerar “todos iguais”, aprendizado apontado pela maior parte dos entrevistados.

Considerando “todos iguais”, aqueles que estão mais próximos da *velhice* são considerados em suas potencialidades e limites. São corredores que, igualmente a todos, se aproximam da *velhice*. Essa relação de igualdade gera outras formas de *realizações* e *atualizações* ligadas ao envelhecimento dos corredores. Como um corredor diante de seus adversários na mesma corrida, o envelhecete precisa externar suas *habilidades*. Dentro da ironia comum no *mundo dos corredores*, uma das *habilidades* exigidas é a de “sangrar” – fazer sofrer.

O “sangrar” *manifesta* o desejo de vencer, ao mesmo tempo em que também *manifesta* o respeito aos colegas e dos seus papéis dentro do *mundo*, que ajudam no desenvolvimento das atividades. Essa ironia demonstra profundo reconhecimento das relações existentes no *mundo*. Com ela, os corredores extravasam sua agressividade e desejos de vencer. Mas entendem que há limites nessas manifestações, pois suas *carreiras* não são previsíveis, sendo construídas tanto por momentos de vitórias, quanto por momentos de fracassos.

Do ponto de vista do envelhecimento, essas *realizações* ajudam aos corredores a se posicionarem de forma mais humana diante dos outros, pois passam a entender e refletir sobre as possibilidades de variação entre momentos bons e ruins, vitória e derrota, capacidade e incapacidade, independente de suas idades. Uma relação de ganhos e perdas que faz sentido aos corredores investigados.

Durante a corrida, muitas pessoas que assistem a prova incentivam os corredores a completar a prova, oferecer o seu melhor no cumprimento de seus objetivos. São gritos, aplausos, na espera do resultado final. As *realizações* dos corredores também vislumbram esta expectativa. Não é incomum observar alguns corredores que chegam mancando, gemendo de dor ou por “puro fiasco” como diz um dos corredores, nas competições. O impacto dessas *realizações* é tão abrangente que as mudanças simbólicas a partir do *lazer sério* mudam as relações entre os corredores e a sociedade, suas famílias e eles mesmos.

A questão da lesão é dada como exemplo dessa mudança. Embora o discurso médico seja valorizado entre os corredores e muito utilizado para defender suas

posições no *mundo*, existem mudanças que ocorrem em sentido oposto ao senso comum do discurso médico. Corredores lesionados mantêm-se nas atividades, mesmo quando lhes é recomendado o afastamento temporário ou uma diminuição na carga de treinamento. As *realizações* observadas mantêm os corredores socialmente engajados. Esse fato gera a discussão de qual seria a forma mais “saudável” de lidar com essas lesões.

Outro lado da questão se refere ao fato de que a lesão física para os corredores assume sentido de confirmar a seriedade das atividades. No momento em que se lesionam, os corredores afirmam diante dos outros seu empenho na corrida e sua disposição em oferecer o máximo que podem para o desenvolvimento do seu *lazer sério*. O máximo de si mesmos e de suas vidas. São *loucos* o suficiente para manterem-se correndo e exigindo-se o máximo mesmo lesionados. Estão à altura.

O afastamento do *mundo dos corredores*, por lesões ou qualquer outra razão, é um *risco* grave que os corredores “sérios” tentam evitar com todas as forças. Para os mais próximos da *velhice*, esse risco é percebido como cada vez maior, aumentando a necessidade de *atualizações* que respondam a ele. Corredores que se afastam do *mundo* – em resultado, comportamentos, seriedade, etc. – justificam o momento em que estão pela “volta”. Quando se pergunta como estão, a resposta é que estão “voltando”.

“Voltar” assume sentido de estar ainda ligado ao *mundo*, embora algumas razões possam ter distanciado os corredores dele. Muito trabalho, pouco tempo para treinar, uma lesão, ou desavenças no grupo, podem ser essas razões, mas não impedem que os corredores busquem formas de manter seu lugar dentro do seu *mundo*.

Esse conjunto de *realizações* dos corredores de rua configura um *estilo de envelhecer* peculiar. São *realizações* que expressam construções criativas geradas no sentido de dar conta das demandas do *lazer sério*, mas que acabam influenciando diversas dimensões da existência do sujeito, especialmente a do envelhecimento.

No mosaico da diversidade das formas de envelhecer, o *mundo dos corredores* e o *estilo de envelhecer* são apenas um “fragmento”. No desenvolvimento do trabalho, fica claro que as relações apresentadas, entre o *lazer sério* e o *estilo de envelhecer* que vai sendo configurado, ficam restritas a envelhecetes capazes de

praticar as atividades. Aspectos interessantes deste *mundo*, embora contribuam em certa medida, não resolvem o problema existencial do envelhecimento, mas mostram formas particulares e originais com que um grupo de trabalhadores, homens, praticando um lazer sério, lidam com isso.

REFERÊNCIAS

ABRIL. Abril lança dois novos títulos. **Women's Health e Runner's World, duas das revistas de maior sucesso no mundo, chegam ao mercado nacional em outubro e novembro.**

<http://www.abril.com.br/br/imprensa/conteudo_298042.shtml>. Acesso em 21 de janeiro de 2009.

ACHÔA, Yara. Elas Querem Você!!! **Contra-Relógio**. Edição 176, maio 2008. Disponível em

<<http://www.revistacontrarelogio.com.br/materias/?Elas%20querem%20você!!!.432>>. Acesso em 09 de dezembro de 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo. Brasiliense, 1990.

CBAAt. Confederação Brasileira de Atletismo. **Ranking de 2010 : corrida de rua. 2002-2009.** Disponível em <<http://www.cbat.org.br/estatisticas/ranking>>. Acesso em 31 de março de 2010.

CORPORE BRASIL. **Dez Anos de Contra-Relógio:** entrevista com Tomaz Lorenço. Disponível em <http://www.corpore.org.br/cws_exibeconteudogeral_264.asp> . Acesso em 21 de janeiro de 2010.

CUNHA, Marion Machado. **A identidade profissional e a preparação para o trabalho no Centro de Formação Profissional de Santa Maria (RFFSA/SENAI) – 1973 a 1996.** Dissertação (Mestrado em Educação) . Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice:** socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP, 1999.

DEDERICH, Márcio. Espírito Corredor. Relargada. **Contra-Relógio**. Ano 17, n. 184, p.82, jan. 2009.

DOLL, Johannes; GOMES, Ângela; HOLLERWEGER, Leonéia; PECOITS, Rodrigo Monteiro; ALMEIDA, Sionara Tamanini. Atividade, Desengajamento, Modernização: teorias sociológicas clássicas sobre o envelhecimento. In: **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre: UFRGS, v. 12, 2007.

FIXX, James F. **Guia Completo Corrida:** tudo que você deve saber para tirar maior proveito de seus exercícios. Rio de Janeiro: Record, 1977.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRAGA, Alex Branco. **Exercício da Informação:** governo dos corpos no mercado da vida ativa. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4997/000462995.pdf?sequence=1>> . Acesso em 06 de janeiro de 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A Intrepretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GRANOU, André. **Capitalismo e Modo de Vida**. Afrontamento: Porto, 1975.

HAILEY, BJ; BAILEY, LA. **Negative Addiction in Runners**: a quantitative approach. *Journal of Sport Behaviour* 1982;5:150-4.

HISTORY & HERITAGE. **When Nike Breathed its First Breath, it Inhaled the Spirit of two men**. Disponível em <http://www.nikebiz.com/company_overview/history/1950s.html>. Acesso em 09 de dezembro de 2009.

IAAF (International Association of Athletics Federations). **What is Road Running?** Disponível em <<http://www.iaaf.org/community/athletics/roadrunning/index.html>>. Acesso em 31 de março de 2010.

JECKEL-NETO, Emilio Antonio; CUNHA, Gilson Luis. Teorias Biológicas do Envelhecimento. In: FREITAS, Elisabete Viana; PY, Ligia; NERI, Anita Liberalesso; CANÇADO, Flavio Aluizio Xavier; GORZONI, Milton Luiz; ROCHA, Sônia Maria. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Guanabara Koogan:Rio de Janeiro, 2002.

JONES, Hugh. **The Expert's Guide to Marathon Training**. Carlton Books: Londres, 2003.

KLERING, Luis Roque. **Inauguração do Caminho dos Parques em Porto Alegre**. 2001. Disponível em <<http://www.terra gaucha.com.br/>> . Acesso em 11 de dezembro de 2009.

KOLLAND, Franz. **The New Leisure World of Modern Old Age**: new aging on the bright side of the street. In: WAHL, H.-W; TESCH-RÖMER, C; HOFF, A. (orgs.). *New Dynamics in Old Age: individual, environmental, and societal perspectives*. Amityville, N.W.: Baywood, 2007.

LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo**: antropologia e sociedade. Papirus: Campinas, 2008.

LE BRETON, David. **As Paixões Ordinárias**: antropologia das emoções. Vozes: Petrópolis, 2009a.

LE BRETON, David. **Condutas de Risco**: dos jogos de morte ao jogo de viver. Autores Associados: Campinas, 2009b.

LÉVY, Pierre. **O que é o Virtual?** São Paulo: Ed 34, 1996.

MAZO, Giovana Zarpellon; LOPES, Marize Amorim; BENEDETTI, Tânia Bertoldo. **Atividade Física e o Idoso**: concepção gerontológica. 2ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MERCADANTE, Elisabeth. Aspectos Antropológicos do Envelhecimento. In: NETTO, Matheus Papaléo. **Gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 2002.

MIRANDA, Carlos Fabre. **Como se Vive de Atletismo**: um estudo sobre profissionalismo e amadorismo no esporte, com olhar para as configurações esportivas. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

NAKAMURA, Jeanne; CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. The Concept of Flow. In: SNYDER, C. R; LOPEZ, Shane J. **Handbook of Positive Psychology**. New York: Oxford University, 2002. Disponível em <http://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=2Cr5rP8jOnc&oi=fnd&pg=PA89&dq=mihalyi+csikszentmihalyi+autor:m-csikszentmihalyi&ots=eif4iAyE-Z&sig=YQLv7IbHLXLj5T4unaTGTsEndo#PPA89,M1>. Acesso em 28 de fevereiro de 2009.

NERI, Anita Liberalesso. **Palavras-Chave em Gerontologia**. 3. Ed. Campinas: Alínea, 2008.

NETTO, Matheus Papaléo; BORGONOV, Nelson. Biologia e Teorias do Envelhecimento. In: NETTO, Matheus Papaléo. **Gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 2002.

OLIVEIRA, Saulo Neves; DOLL, Johannes. O Lazer Sério e o Processo de Envelhecimento: contribuições e possibilidades para gerontologia educacional no esporte. In: **Encontro Nacional de Lazer e Recreação – ENAREL**, 21., 2009, São José. **Anais**. Florianópolis: UNESPORTE, 2009.

O'NEIL, Cecily. Da Alienação à Interpretação: os usos da ironia. In: **Urdimento**: Revista de Estudos Pós-Graduação em Artes Cênicas. Florianópolis: UDESC/CEART, v.1, n.8 dez. 2006.

PAZIN, Joris; DUARTE, Maria de Fátima da Silva; POETA, Lisiane Schilling; GOMES, Marcius de Almeida. Corredores de Rua: características demográficas, treinamento e prevenção de lesões. In: **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**. Florianópolis: UFSC, v.10, n.3. 2008. Disponível em www.periodicos.ufsc.br/index.php/rbcdh/article/view/4210/3516. Acesso em 30 de dezembro de 2008.

PREFONTAINE MEMORIAL COMITEE (PMC). Steve Prefontaine: the official site. 2000-2008. Disponível em <<http://www.prefontainerun.com>> . Acesso em 27 de janeiro de 2010.

ROSA, Daniel Alves; MELLO, Marco Túlio; SOUZA-FORMIGONI, Maria Lucia

Oliveira. Dependência da prática de exercícios físicos: estudo com maratonistas brasileiros. In: **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**. v.9, n.1, jan-fev. 2003.

SALGADO, José Vítor Vieira; CHACON-MIKAHIL, Mara Patrícia Traina. Corrida de Rua: análise do crescimento do número de provas e de praticantes. In: **Conexões** v.4, n.1. 2006.

SARKIS, Miguel. A Construção do Corredor: dos primeiros passos à alta performance. São Paulo: Gente, 2009.

SHEEHAN, George A. **Correr é Preciso**. Brasília: Die Presse, 1996.

STEBBINS, Robert A. **Serious Leisure**: a perspective for our time. New Jersey: Transaction, 2008a.

STEBBINS, Robert A. Leisure Abandonment: Quitting Free-Time Activity That We Love. In: **LSA Newsletter**. n.81, november. 2008b. Disponível em <http://www.soci.ucalgary.ca/seriousleisure/Documents/Reflections19.pdf>. Acesso em 26 de fevereiro de 2009.

STEBBINS, Robert A. Serious Leisure. In: ROJEK, Chris; SHAW, Susan; VEAL, A.J (Orgs.). **A Handbook of Leisure Studies**. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

STEBBINS, Robert A. The Extraprofessional Life: Leisure, Retirement and Unemployment. In: **Current Sociology**. n.48, v.1. 2000.

STIGGER, Marco Paulo. **Educação Física, Esporte e Diversidade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

STIGGER, Marco Paulo. Lazer, Cultura e Educação: possíveis articulações. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas. v. 30, n. 2, p. 73-88, jan. 2009.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE A – Aspectos Configuracionais dos Grupos de Corrida

A) Vínculo Institucional	<ul style="list-style-type: none"> 1) vinculado a um clube de esporte 2) vinculado a uma academia 3) vinculado à uma empresa 4) não vinculado
B) Responsável	<ul style="list-style-type: none"> 1) profissional de educação física 2) outros profissionais 3) misto 4) não-profissional
C) Orientação* (* proposta de acordo com responsável)	<ul style="list-style-type: none"> 1) saúde e convívio social 2) performance 3) promoção ou divulgação (empresa, marca) 4) reabilitação física
D) Local para Treinamento	<ul style="list-style-type: none"> 1) pista 2) parque 3) academia 4) misto 5) outros locais
E) Tipo do Espaço de Ocupação	<ul style="list-style-type: none"> 1) alugado 2) público 3) próprio
F) Participação em Eventos	<ul style="list-style-type: none"> 1) constante 2) tradicional em eventos específicos 3) esporádico
G) Treinamento	<ul style="list-style-type: none"> 1) com treinamento regular 2) treinamento somente em período anterior ao evento 3) treinamento eventual
H) Especificidade	<ul style="list-style-type: none"> 1) somente corrida e caminhada 2) corrida como um das modalidades (triathlon) 3) misto

APÊNDICE B – Principais Grupos de Corrida de Porto Alegre

N°	Equipe de Corrida	Site
1	Perfect Run	www.perfectrun.com.br
2	Percorrer	www.percorrer.com
3	Campos Running	Não encontrado
4	Clube da Endorfina	www.clubedaendorfina.com.br
5	Paulo Alvares	www.equipepauloalvares.com.br
6	Even Faster Sports	www.evenfaster.net
7	Max Trainer	www.maxtrainer.com.br
8	Remião Treinamento	www.remiao.com.br
9	Daniel Rech	www.runningcompany.com.br
10	Bira Treinamento	www.birateinamento.com.br
11	Clóvis Rodrigues	clsrodrigues235@hotmail.com
12	Marcelo Diniz (MD)	mdmultisport@gmail.com
13	Eduardo Saraiva	www.eduardosaraiva.com.br
14	Miriam Caldasso	www.correndo.com.br
15	Running Sports	www.runningsports.com.br
16	S1 Run	www.s1run.com.br
17	Pace	www.grupodecorrida.com.br
18	Sub4	www.sub4.com.br
19	Íntegra Pró Saúde	www.integraprosaude.com.br
20	Raiasul	www.raiasul.com.br
21	Oxigenio Sports	Não encontrado
22	Body Sul	www.bodysull.com.br
23	Pro Runner	www.equipeprorunner.com.br
24	Academia Vitta	www.vittanet.com.br
25	Academia Via Forma	www.academiaviaforma.com.br
26	Academia Fitness Hall	www.fitnesshall.com.br
27	Academia VIP Bela Vista	academia.vip@terra.com.br
28	Academia Body One	www.bodyoneclub.com.br
29	Academia Bio Fitness	www.academiabiofitness.com.br
30	Academia BASE	www.baseacademia.com.br

ANEXO A – Folheto Divulgação da 1ª Academia de Corrida



ACADEMIA DE CORRIDA MIRIAM CALDASSO
VENHA TREINAR COM QUEM ENTENDE!
 Rua General Cypriano Ferreira, 489 - Centro - Porto Alegre/RS - Tel: 51 3224.0227 www.correndo.com.br



VENHA CORRER COM QUEM ENTENDE DO ASSUNTO!
ÚNICA ESPECIALIZADA EM CORRIDAS.

FOCADA EM AERÓBIA
 PROFESSORES ALTAMENTE QUALIFICADOS.
 AMBIENTE CLIMATIZADO
 MODALIDADES:
 MUSCULAÇÃO AERÓBIA
 MUSCULAÇÃO TRADICIONAL
 BIKE INDOOR
 RUNNING CLASS COM VISTA PARA O RIO GUÁIBA
 ESTEIRAS PARA ALTA PERFORMANCE
 GINÁSTICA LOCALIZADA
 JUMP
 TREINO COLETIVO NA ORLA DO GUÁIBA
 CIRCUITO EM LOMBA
 PREPARAÇÃO PARA TESTES FÍSICOS (CONCURSOS)

Coordenação: Miriam Caldaso. Graduada em Educação Física e Especializada em Treinamento pela UFRGS. Atleta fundista de alto rendimento por 12 anos consecutivos (1989-2001), hepta campeã gaúcha de Cross Country, recordista estadual nos 3000mr (10'03"19), Maratona 2h47min, 5000mr (17'15"03), 10.000mr (34'56"). 3ª. Classificada no Troféu Brasil Cross Country/2000, 10º no Sul-Americano/2000 e 7º no Mundial de Cross Country em Março/1999, Marrakesh. Convocada pela CBAT, para representar o Brasil em Marrocos, 8 km *Cross Country*/1999 e no Revezamento de Maratonas Equiden, na Korea/2000.
 Atua como Preparadora Física desde 1999. Sua equipe é bi-campeã e recordista do Revezamento Volta à Ilha – 150 km/SC na categoria Quarteto, dentre vários títulos.

RUA GENERAL CYPRIANO FERREIRA, 489 – CENTRO – TEL.: 51 3224.0227
LOCALIZADO A MENOS DE 1 KM DO GASÔMETRO



ANEXO B – Mapa das Premiações do Lazer Sério

Premiações Pessoais

- 1) Enriquecimento pessoal (lembrança de experiências agradáveis)
- 2) Auto-atualização (desenvolvimento de habilidades, competências, conhecimento)
- 3) Auto-expressão (expressando habilidades, competências e conhecimento adquirido anteriormente)
- 4) Auto-imagem (se reconhecer como participante do *Lazer Sério*)
- 5) Autogratisação (combinação de divertimento superficial e realização profunda)
- 6) Recreação (regeneração) após um dia de trabalho.
- 7) Retorno Financeiro (da atividade)

Premiações Sociais

- 8) Atração Social (associando-se com outros participantes do *Lazer Sério*, com clientes como voluntário, participando do mundo social da atividade)
- 9) Realização do Grupo (esforço do grupo na realização de um projeto de *Lazer Sério*; senso de ajuda na existência de necessidade e altruísmo nas contribuições)

Mapa das *Recompensas do Lazer Sério* (adaptado de STEBBINS, 2008a).

ANEXO C – Folder Divulgação Percorrer



Você quer qualidade de vida?

Então venha fazer parte do PerCorrer, grupo oficial de condicionamento físico, caminhada e corrida da SOGIPA.

PerCorrer.com

PerCorrer começa o verão 2010 com novidade. Além das turmas já existentes nas terças e quintas-feiras, nova turma nas segundas e quartas das 18:30 as 19:30, na pista de atletismo do clube.

Informações pelos contatos:
Leonardo Ribas – 98499612 (leo@percarrer.com)
Luciane Dambacher – 99173373 (lu@percarrer.com)
Milton Quintana – 81118596 (milton@percarrer.com).





ANEXO D – Vista Panorâmica da SOGIPA

ANEXO E – Categorias e Faixas Etárias na Corridas de Rua

Categoria	Masculina <i>Faixa Etária</i>	Feminina <i>Faixa Etária</i>
A	<i>16 a 19 anos</i>	<i>16 a 19 anos</i>
B	<i>20 a 24 anos</i>	<i>20 a 24 anos</i>
C	<i>25 a 29 anos</i>	<i>25 a 29 anos</i>
D	<i>30 a 34 anos</i>	<i>30 a 34 anos</i>
E	<i>35 a 39 anos</i>	<i>35 a 39 anos</i>
F	<i>40 a 44 anos</i>	<i>40 a 44 anos</i>
G	<i>45 a 49 anos</i>	<i>45 a 49 anos</i>
H	<i>50 a 54 anos</i>	<i>50 a 54 anos</i>
I	<i>55 a 59 anos</i>	<i>55 a 59 anos</i>
J	<i>60 a 64 anos</i>	<i>60 anos em diante</i>
K	<i>65 a 69 anos</i>	-
L	<i>70 anos em diante</i>	-